



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**PAULA FRANCINETE PEREIRA AMADOR**

**CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA**  
**E.E.E.F.M. PROFESSOR CRISPIM COELHO, EM CAJAZEIRAS- PB**

**CAJAZEIRAS- PB**

**2015**

**PAULA FRANCINETE PEREIRA AMADOR**

**CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA  
E.E.E.F.M. PROFESSOR CRISPIM COELHO, EM CAJAZEIRAS- PB**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Geografia do Centro de Formação de Professores de Cajazeiras – PB, como requisito necessário para a obtenção do grau de Licenciada em Geografia.

**Orientadora:** Professora Doutora Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo.

**Linha de pesquisa:** Ensino de Geografia.

**CAJAZEIRAS - PB**

**2015**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
André Domingos da Silva - Bibliotecário CRB/15-730  
Cajazeiras - Paraíba

A481c Amador, Paula Francinete Pereira  
Concepções e práticas docentes no ensino de geografia na  
E.E.E.F.M. Professor Crispim Coelho, em Cajazeiras - PB. / Paula  
Francinete Pereira Amador. Cajazeiras, 2015.

69f. : il.

Bibliografia.

Orientador (a): Profa. Dra. Iveralda Dantas Nóbrega Di Lorenzo.  
Monografia (Graduação) - UFCG/CFP

1. Ensino de geografia – Cajazeiras - PB. 2. Geografia - Prática  
de ensino. 4. Geografia - metodologias. I. Di Lorenzo, Iveralda  
Dantas Nóbrega. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU -91:37(813.3)

**Paula Francinete Pereira Amador**

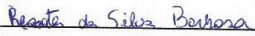
**“CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO, DE  
GEOGRAFIA NA E.E.E.F.M. PORF. CRISPIM COELHO”**

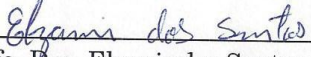
Monografia apresentada à  
Coordenação de Geografia – UACS,  
Universidade Federal de Campina  
Grande- UFCG, como requisito  
parcial à obtenção do título de  
Graduação.

Aprovada em: 07/04/2015

  
BANCA EXAMINADORA

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo (orientadora)

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Me. Renata da Silva Barbosa (Primeiro Examinador)

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Elzanir dos Santos (Segundo Examinador)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico minha monografia primeiramente a Deus, pois sem ele nada é possível crendo tudo pode acontecer é só acreditar.

A todos as pessoas que me auxiliaram na construção deste, especialmente aos meus familiares como: mãe, pai, irmãos e meu companheiro que esteve sempre ao meu lado me incentivando, e também aquelas as pessoas que estão ligadas a minha vida, como: meus parentes, amigas/os professoras/os, que no decorrer deste trabalho me ampararam com conhecimento, paciência, atenção, compreensão, afeto sempre me mostrando que o sucesso depende da superação, e que os momentos difíceis valem a pena, assim também existem pessoas que se importam com seu sucesso.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço inicialmente a Deus todo poderoso por estar sempre ao meu lado e por me dar a chance de finalizar este curso.

Agradeço a minha família, meu companheiro, por está sempre ao meu lado me dando força por estar sempre presente nos momentos difíceis.

Agradeço a todos os meus amigos que me deram a oportunidade de conhecê-los e compartilhar esta experiência.

Agradeço a todos os professores do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande que durante todo o curso colaboraram para que eu pudesse a adquirir conhecimento científico durante minha jornada acadêmica.

Em especial agradeço a professora Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo pela honra de ser minha orientadora, pela atenção e por vivenciar comigo as ocasiões de concretização deste trabalho.

A Banca Examinadora, nas pessoas dos professores: Mestre Renata da Silva Barbosa e Doutora Elzanir dos Santos.

A Escola EEEFM Professor Crispim Coelho pela atenção em nos receber.

*“É preciso que, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é a ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.*

*(FREIRE: 1996, p.25).*

## RESUMO

A educação brasileira e com ela, o ensino de geografia são perpassados por extensos debates e transformações cujos resultados se expressam na criação de programas e políticas públicas, especialmente voltadas à formação inicial e continuada de professores, destinados à valorização destes, mas também a promoção de mudanças no cenário da escola no tocante ao reconhecimento e valorização da diversidade dos sujeitos, sobretudo pautado na promoção de uma educação contextualizada associada a multiplicidade de recursos e metodologias de ensino, a fim de aprimorar o ensino-aprendizagem. A partir desse pressuposto decidimos analisar as concepções e práticas docentes no ensino de geografia, em duas turmas do 3º Ano do Ensino Médio, da Escola de Ensino Fundamental e Médio Professor Crispim Coelho, situada no município de Cajazeiras, mesorregião do Sertão Paraibano. Para tanto, enfocamos a problemática do ensino de geografia, tendo em vista que não apenas esta disciplina, mas a educação tem se mostrado ao longo de sua história como desinteressante e descontextualizada das histórias de vida dos educandos, além de constatar-se uma tendência à continuidade de práticas tradicionais de ensino, pautadas quase sempre no livro didático e no quadro de giz, sem outras preocupações de tornar a aula mais dinâmica e atrativa aos educandos, mesmo com o uso destes recursos, ou tomando como base novas metodologias e linguagens no ensino de geografia. A pesquisa foi desenvolvida com os professores de Geografia e os educandos das duas turmas do 3º Ano A, turno da manhã e, 3º Ano C, turno da tarde, ambas do Ensino Médio, na disciplina de Geografia, no período de 03 de novembro a 15 de dezembro de 2014. A metodologia incluiu a observação e anotações em caderneta de campo, além do desenvolvimento de entrevistas semiestruturadas junto aos sujeitos da pesquisa que se dispuseram voluntariamente. O trabalho encontra-se dividido em quatro capítulos, sendo o primeiro, a introdução; o segundo, os aspectos teórico-metodológicos da geografia e sua função no ensino e numa educação libertadora, partindo da trajetória histórica da geografia escolar no Brasil e, da educação contextualizada e ensino de geografia, e a função da escola frente às transformações econômico-sociais e suas repercussões no ensino de Geografia; o terceiro, o papel da escola, da educação e do ensino de geografia na formação cidadã e o desenvolvimento das atividades educativas na escola; e, finalmente, uma história de resistência(s) e limite(s) ”numa geografia de professores”.

**Palavras-chaves:** Práticas docentes – Ensino de Geografia – Metodologias.



## **ABSTRACT**

The Brazilian education and with it, the geography teaching permeate by extensive debates and transformations whose results are expressed in the creation of programs and policies aimed, especially the initial and continuous training of teachers, for recovery of these, but also the promotion of changes in school scenario regarding the recognition and appreciation of diversity of subjects, mainly founded on the promotion of contextual education associated with multiplicity of resources and teaching methodologies in order to enhance teaching and learning. From this assumption we decided to investigate the concepts and teaching practices in teaching geography in two classes of the 3rd high school year, the School of Primary and Secondary Teacher Crispin Coelho, in the municipality of Cajazeiras, middle region of the Wild Paraiba. Therefore, we focused on the problems of geography teaching, considering that not only this course, but education has proven throughout its history as uninteresting and decontextualized life stories of students, and be seen a tendency to continuity of traditional teaching practices, guided almost always in the textbook and under-de-chalk without other concerns to a more dynamic and attractive lesson to the learners, even with the use of these resources, or building on new methodologies and languages in geography teaching. The research was conducted with the Geography teachers and students of two classes of the 3rd Year A, morning shift and 3rd Year C, afternoon shift, both of high school, in the Geography discipline, from November 3 the December 15, 2014. The methodology included observation and notes in field book, and the development of semi-structured interviews with study subjects who volunteered. The work is divided into four sections, the first being the introduction; the second, theoretical and methodological aspects of geography and its role in education and a liberating education, based on the historical trajectory of school geography in Brazil and the contextualized education and geography teaching, and the school a function to economic and social changes and its repercussions in teaching geography; the third, the role of school geography education and teaching in civic education and the development of educational activities at school; and finally a history of resistance (s) and limit (s) in a geography teacher.

**Keywords:** Teaching practices - Geography Teaching - Methodologies.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA GEOGRAFIA ESCOLAR E SUA FUNÇÃO NO ENSINO E NUMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA.....</b>	<b>16</b>
2.1. Trajetória Histórica da Geografia Escolar no Brasil: Recuos e Avanços;.....	20
2.2. Educação Contextualizada e Ensino de Geografia na EEEFM Professor Crispim Coelho.....	22
<b>3. O PAPEL DA ESCOLA, DA EDUCAÇÃO E DO ENSINO DE GEOGRAFIA NA FORMAÇÃO CIDADÃ.....</b>	<b>33</b>
3.1. Função da Educação frente às Transformações Econômico-sociais e suas Repercussões no Ensino de Geografia;.....	36
3.2. Concepções e Práticas Docentes no Ensino de Geografia na EEEFM Professor Crispim Coelho.....	39
<b>4. RESISTÊNCIA(S) E LIMITE(S) NUMA ‘GEOGRAFIA DE PROFESSORES’ .....</b>	<b>48</b>
4.1. Do Planejamento Escolar às Metodologias no Ensino de Geografia na EEEFM Professor Crispim Coelho;.....	48
4.2. O Livro Didático como Expressão de tradições e de Alienação.....	54
<b>CONSIDERAÇÕES .....</b>	<b>59</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>61</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>65</b>

## **LISTA DE SIGLAS**

**EJA** - Educação de Jovens e Adultos

**EEEFM** - Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio

**LDBEN** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

**LDB** - Lei de Diretrizes e Bases

**PCN** - Parâmetros Curriculares Nacionais

**PDE** - Plano de Desenvolvimento da Escola

**PNLD**- Plano Nacional do Livro Didático

**PPP**- Projeto Político Pedagógico

**TIC** - Tecnologia da Informação e Comunicação

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Caracterização dos Educadores/Sujeitos da Pesquisa.....	23
<b>Tabela 2:</b> Quantidade de Educandos Entrevistados do Ensino Médio.....	24
<b>Tabela 3:</b> Estrutura Etária e de Gênero dos Educandos Entrevistados do Ensino Médio.....	24

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Disciplinas que os educandos mais gostam.....	26
<b>Figura 2:</b> Disciplinas que os educandos menos gostam.....	27
<b>Figura 3:</b> O que estuda a geografia.....	28
<b>Figura 4:</b> Relação dos conteúdos de Geografia com a vida dos educandos.....	31
<b>Figura 5:</b> Conteúdos de Geografia que os educandos mais se identificam.....	32
<b>Figura 6:</b> Estratégias Metodológicas utilizadas pelo professor no ensino de Geografia na visão dos educandos.....	40
<b>Figura 7:</b> Recursos existentes na escola segundo os professores.....	42
<b>Figura 8:</b> Recursos utilizados pelo professor em sala de aula, segundo os educandos.....	42

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar as concepções e práticas dos professores de Geografia acerca do Ensino de Geografia na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Professor Crispim Coelho, situada à Rua Pedro Moreno Gondim, sem número, Centro, sudoeste da cidade de Cajazeiras, mesorregião do Sertão Paraibano.

O estudo tem como objetivo geral investigar as concepções e práticas docentes dos professores de geografia da referida Escola, acerca do ensino de geografia, considerando as metodologias e os recursos utilizados na abordagem dos conceitos geográficos, e qual a sua influência no processo de formação e aprendizagem dos alunos. Dentre os objetivos específicos destacamos: 1- Apresentar os aspectos teórico-metodológicos da geografia escolar e sua função no ensino de geografia na formação dos alunos segundo a ótica de uma educação libertadora; 2- Identificar o papel da escola e do ensino de geografia na formação cidadã; 3- Investigar resistência(s) e limite(s) no ensino de geografia, desenvolvido pelos professores.

Para tanto, enfocamos a problemática do ensino de geografia, tendo em vista que não apenas esta disciplina, mas a educação tem se mostrado ao longo de sua história como desinteressante e descontextualizada das histórias de vida dos educandos, além de constatar-se uma tendência à continuidade de práticas tradicionais de ensino, pautadas quase sempre no livro didático e no quadro de giz, sem outras preocupações de tornar a aula mais dinâmica e atrativa aos educandos, mesmo com o uso destes recursos, ou tomando como base novas metodologias e linguagens no ensino de geografia.

Trata-se de uma problemática que envolve o ensino de Geografia no ambiente escolar e merece atenção por parte do Estado e da escola como um todo, a fim de que os profissionais da área de ensino de geografia possam repensar suas práticas pedagógicas a partir da formação inicial e continuada de qualidade, além do compromisso desses profissionais com uma educação pautada nos princípios da competência cidadã (SILVEIRA, 2010, p. 11).

O ato de planejar na educação, especialmente no ensino de geografia exige uma proposta de ensino para atender as demandas de entendimento e interpretação dos conteúdos geográficos necessitando também de novas linguagens e recursos para melhor incrementar o processo de ensino-aprendizagem.

A questão mais polêmica que envolve o ensino de geografia está cada vez mais evidente em múltiplos lugares no ambiente escolar, em específico na sala de aula, onde o docente tem a responsabilidade de realizar uma ponte entre a teoria e a prática fazendo com que os alunos consigam internalizar o conhecimento, identificando a real importância da Geografia como disciplina, quais as principais contribuições para sua formação cidadã dos sujeitos educandos e as condições e possibilidades de participar da construção e transformação da sociedade em que se insere.

A opção por escolher a Escola Estadual Professor Crispim Coelho se deu em função da nossa trajetória estudantil ter sido nesta Escola, onde obtive uma formação fundamental, constituindo-se como um espaço de referência pessoal, enquanto estudante durante o Ensino Médio. Conhecida como ‘Colégio Estadual’, uma das mais antigas escolas de Cajazeiras PB, foi a primeira escola laica do município a ter o 1º Grau (Ensino Fundamental), funcionando em vários locais, inclusive em outros colégios e instituições, antes de ter sua sede totalmente estruturada em 1968 quando passou a ofertar o 2º Grau (Ensino Médio). Fundada em 28 de Maio de 1961, seu funcionamento iniciou em 1964, tendo iniciado a Educação de Jovens e Adultos (EJA) no ano de 1970.

Sua estrutura física é composta de doze salas de aula, uma biblioteca, sala de vídeo, sala de computação, e laboratório de Ciências, além de sala de mecanografia, quatro banheiros: dois masculinos e dois femininos, sendo que dois banheiros são reservados para deficientes femininos e masculinos e uma cantina.

Para o funcionamento conta-se com um ambiente de secretaria, direção e ambiente dos professores, coordenação pedagógica e ambiente de Educação Física. É disponibilizada dentro de sua estrutura uma quadra poliesportiva descoberta, dois espaços de esportes, quadra de vôlei, três espaços de brincadeiras de amarelinha, e amplo pomar na lateral da escola. Sua área é de 14.375,60m<sup>2</sup>, sendo 1.907,20 m de área coberta<sup>1</sup>. O quadro atual de professores conta com cinquenta e seis professores, entre efetivos, e contratados de urgência.

A gestão é composta de: um gestor, dois co-gestores, uma coordenadora pedagógica e uma supervisora, e que ficam distribuídos pelos turnos, por exemplo, à tarde quando se fazem

---

<sup>1</sup> Esses dados foram coletados do Projeto Político Pedagógico de 2014.

resentes um gestor e a coordenadora pedagógica, sendo que em cada turno observa-se através de relatos dos funcionários, que é peculiar a maneira de gerir, de conduzir as decisões.

O público atendido pela escola é de distintos níveis de renda, com predominância de pessoas de baixa renda advindas de bairros periféricos, São Francisco e Asa, da cidade de Cajazeiras, assim como de outros bairros e de comunidades rurais do município. O colégio é mantido através de verba da esfera Estadual e também através de programas do Governo Federal como o Plano de Desenvolvimento da Escola e o Programa Nacional do Livro Didático (PDE/PNLD). Mesmo assim, a escola apresenta algumas dificuldades, tanto no espaço físico, quanto em seu funcionamento.

Conhecidas estas especificidades sobre a referida Escola partimos para a definição dos sujeitos da pesquisa, os quais se definiram durante as primeiras conversas com a gestora escolar. Assim, a pesquisa foi desenvolvida com os professores de Geografia e os educandos das duas turmas do 3º Ano A, turno da manhã e, 3º Ano C, turno da tarde, ambas do Ensino Médio, na disciplina de Geografia, no período de 03 de novembro a 15 de dezembro de 2014.

A metodologia incluiu a observação e anotações em caderneta de campo, além do desenvolvimento de entrevistas semiestruturadas junto aos sujeitos da pesquisa que se dispuseram voluntariamente. Informamos que neste trabalho os entrevistados foram identificados pelas expressões Educando 1, 2, 3, e assim por diante; igualmente ocorrendo com o Professor, a fim de que suas identidades sejam preservadas, conforme solicitado, uma vez que quaisquer problemas que possam advir da pesquisa não lhes traga nenhum constrangimento perante a instituição escolar.

A estrutura deste trabalho encontra-se dividida em quatro capítulos, sendo o primeiro, a introdução; o segundo, os aspectos teórico-metodológicos da geografia e sua função no ensino e numa educação libertadora, partindo da trajetória histórica da geografia escolar no Brasil e, da educação contextualizada e ensino de geografia, e a função da escola frente às transformações econômico-sociais e suas repercussões no ensino de Geografia; o terceiro, o papel da escola, da educação e do ensino de geografia na formação cidadã e o desenvolvimento das atividades educativas na escola; e, finalmente, uma história de resistência(s) e limite(s) numa geografia de professores.



## **2. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA GEOGRAFIA ESCOLAR E SUA FUNÇÃO NO ENSINO NUMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA**

Para início de conversa, partimos da epígrafe antes mencionada acerca da pedagogia da autonomia preconizada por Paulo Freire (1996), cuja preocupação se exalta na formação do professor como item indispensável à mudança educacional, especialmente se considerarmos o debate político pautado na qualidade do ensino e da educação ofertada nas escolas, considerando qualidade como uma característica que demanda o aspecto político.

O ensino de Geografia perpassa por muitas transformações, dentre elas, a opção por uma educação emancipadora dos sujeitos acompanhada da formação inicial e continuada de educadores para que estes acompanhem as diversas transformações na educação, especialmente, nas metodologias e linguagens e novos recursos destinados ao ensino. Segundo Vesentini (2004, p. 220), o sistema escolar vive uma fase de profundas reestruturações e, “no seu bojo, o ensino de geografia sofre questionamentos, propostas de mudanças radicais, tentativas de eliminação ou minimização, por parte de alguns, e de uma maior valorização, por parte de outros”.

Partindo deste autor as mudanças que vêm ocorrendo no mundo, algumas decorrentes dos processos de globalização com os avanços das tecnologias da informação e da comunicação (TIC), umas das principais causas das muitas transformações no sistema escolar, o qual tem passado por um conjunto de transformações para atenção às demandas populacionais, contribuindo no processo de socialização e da formação cidadã dos sujeitos educandos, a partir de uma percepção mais crítica da realidade.

Como o ensino de geografia está passando por um conjunto de mudanças, os conteúdos passam a ser colocados para os alunos visando relacionar os conteúdos com o espaço de vivência destes, no qual o meio social exerce uma forte influência sobre os indivíduos, mas não se torna determinante. Portanto, cabe a escola discutir e desenvolver a educação contextualizada tomando como ponto de partida, a realidade dos sujeitos.

Entre as décadas de 1960 e 1970, do Século passado, a geografia foi colocada em evidência, causando-lhe alguns percalços, especialmente pela diminuição de carga horária escolar, sendo este déficit, compensado por outras disciplinas, julgado mais importante no

aspecto da formação, principalmente quando se fala que a educação passa a ter prioridade para o mundo do trabalho. O desafio proposto para o ensino de geografia seria redescobrir a disciplina através de novas abordagens proposta pelos geógrafos para suprir os objetivos colocados e dar conta dos desafios impostos na atualidade.

No século XXI, as mudanças no ensino ficam mais acentuadas, no que tange a perspectiva de uma educação libertadora, emancipadora dos sujeitos. Portanto, a Geografia Tradicional começa a perder espaço no debate, abrindo novas perspectivas para uma Geografia Humanística preocupada com a multidimensionalidade da vida e das relações sociais travadas entre os seres humanos, por sua vez, mediadas pelos meios de produção e pelo trabalho. Além disso, a necessidade de se focar o ensino dessa disciplina a partir de metodologias, linguagens e recursos de ensino, a fim de que a aprendizagem se torne significativa, capaz de contribuir na formação integral do ser humano como sujeito crítico e reflexivo, um cidadão consciente de sua participação e ação transformadora na sociedade.

O intuito do ensino de geografia nessa nova perspectiva é o de possibilitar aos educandos a compreensão da leitura do mundo em que vivem, reconhecendo diferentes escalas geográficas, relacionando os problemas existentes na sociedade, refletindo criticamente e atuando de forma direta e indireta na busca para as soluções destes problemas, embora tenha permanecido ainda, traços de uma educação estática, conteudística, inadequada a libertação dos educandos, conforme citado por Vesentinni (2004, p. 220):

Na década de 80, foi criado nas escolas o ensino da geografia nas escolas elementar e média, uma situação paradoxal, meio caótica e ao mesmo tempo bastante rica: implementação de caminhos plurais, de experiências diversificadas, de tentativas, ora de renovar dentro do tradicional, ora de mudar tudo desta ou daquela maneira.

Neste momento, a geografia escolar está passando por uma fase de muitas mudanças, especialmente na construção de currículos e legislações voltados ao reconhecimento e a valorização das diversidades de saberes e de modos de vida, a exemplo da produção de novos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) de curso, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) Nº 9.394/96, Resoluções, dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) dentre outras que regulam a criação e a execução de cursos de formação inicial e continuada de professores.

Além desses, a importância da atuação profissional do professor, cujo perfil caracterize-se especialmente pela ética, competência, habilidade no sentido de promover a aprendizagem coletiva dos sujeitos para o desenvolvimento de sujeitos críticos e reflexivos, conforme afirma Vesentini (2004, p. 224) que o professor deve ser “crítico - e não podemos esquecer que o bom professor é aquele que aprende ensinando, e que não ensina, mas ajuda os alunos a aprender - não apenas reproduz, mas também produz saber na atividade educativa”.

Segundo o autor, cabe ao professor construir meios que facilitem a aprendizagem dos educandos a partir do diálogo e da troca de saberes e experiências. Corroborando para o exposto, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 2006, p. 52), afirmam que “Saber ler o mundo para compreender a realidade e entender o contexto em que as relações sociais se desenvolvem implica não só se a ter na percepção das formas, mas também no significado de cada uma delas”.

Cavalcanti (1998, p.11) afirma que o conhecimento geográfico é indispensável á formação de indivíduos participantes da vida social á medida que propicia o entendimento do espaço geográfico e do papel desse espaço nas práticas sociais. Então, o professor de geografia tem o papel fundamental no processo de formação pessoal dos indivíduos, cabe a ele utilizar e desenvolver métodos que proporcionem um melhor desempenho para absorção do conhecimento do aluno, para isso é muito importante que haja uma relação mutua entre ambos, além de buscar-se o conhecimento em campos diferentes, que se estendam para além dos muros da escola, segundo afirma Cavalcanti (1998, p. 12): “O processo de construção e reconstrução do conhecimento geográfico do aluno ocorre na escola, mas também fora dela”.

O ensino e a aprendizagem são processos que envolvem um conjunto de causas e consequências, advindas de movimentos e atividades desenvolvidas pelos professores em sala de aula, uma vez que o professor é capaz de tornar o ambiente escolar, um espaço que o aluno sente prazer em fazer parte daquele ambiente, através do processo de aprendizagem mútuo entre professor e educando, segundo ressalta Freire (1996, p. 23): “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

O processo de ensino aprendizagem ocorre com mais eficácia quando há a troca de saberes entre professor e aluno, onde o papel do professor será de mediador do conhecimento. Para isso é preciso que o professor consiga conciliar conteúdos geográficos, metodologias, distintos métodos de abordagem do ensino e a utilização de distintos recursos, associando-os ao

conhecimento que o educando traz do seu cotidiano e, a partir do diálogo entre professor e educando se constrói o conhecimento.

Em todos os níveis de ensino, a educação se volta à formação integral dos sujeitos e o conhecimento se constrói mediante o diálogo, especialmente quando mediado por instrumentos didático-pedagógicos que promovam no educando o despertar pela busca do conhecimento construído coletivamente, ao invés da transmissão de conhecimentos prevista na educação conteudística.

No Ensino Médio, assim como nas outras modalidades de ensino, os PCN (BRASIL: 2000, p. 05) propõem “a formação geral, em oposição à formação específica; o desenvolvimento de capacidades de pesquisar, buscar informações, analisá-las e selecioná-las; a capacidade de aprender, criar, formular, ao invés do simples exercício de memorização.

Neste nível de ensino a formação se consolida ainda mais com vistas a formação de cidadãos conscientes de sua inserção na sociedade e dos problemas dela resultantes, segundo consta nos PCN (BRASIL: 2006 p. 56):

A Geografia que se quer ensinar para o ensino médio deve ser pensada no sentido de formar um cidadão que conheça os diferentes fenômenos geográficos da atualidade, tendo em vista o processo de globalização e suas rupturas, dadas pela resistência dos movimentos sociais e as contradições inerentes ao sistema capitalista, além de privilegiar os diferentes cenários e atores sociais, políticos e econômicos em diferentes momentos históricos.

A utilização de metodologias e recursos diversificados associados à abordagem dos conteúdos proporciona ao educando o desenvolvimento das aulas, nas quais o professor media o desenvolvimento de habilidades, na formação pessoal de cada um, e por isso é interessante que o professor estimule o aluno durante a realização das aulas, possibilitando e facilitando a ele o desenvolvimento do pensamento crítico, deixando de lado o hábito da decoreba dos assuntos, só assim eles vão se sentir mais seguros para buscar outras informações que seja necessária para sua aprendizagem, mas também para sua cidadania.

Com a modernização em que vivemos hoje e diante dos recursos tecnológicos que estão cada vez mais presentes no nosso cotidiano muitos professores não conseguem extrair, o que há de melhor nestes recursos para suas aulas, em função da falta de capacitação para utilizar os mesmos, então eles acabam por optar pelos métodos tradicionais tais como o livro

didático apenas para transpor os conteúdos e não consegue melhorar a qualidade de ensino e capacidade de aprendizagem dos seus alunos de geografia.

É importante o uso de métodos criativos para que ocorra assimilação do conhecimento visando uma reflexão mais crítica da realidade relacionando com os fatos que ocorre no seu meio e no mundo globalizado, fazendo com que eles possam atuar na sociedade de forma igualitária com os demais.

O professor é considerado um agente de transformações, pois cabe a ele desenvolver práticas metodológicas que motivem seus alunos para a interação durante às aulas com o intuito de formar alunos com pensamentos críticos, a fim de que atuem na sociedade em condições de igualdade de direitos.

As principais práticas pedagógicas podem ser aplicadas por meios de diferentes metodologias e com a utilização de diferentes recursos metodológica, como por exemplo, o uso de equipamentos eletrônicos, com a criação de projetos desenvolvidos pelos alunos, estudo de campo, e muitos outros dependendo da capacidade criativa de cada professor. Uma das características mais marcante do ensino de Geografia é a sua contribuição para o desenvolvimento de capacidades, tais como observação, descrição, orientação, entre outros pontos importantes e imprescindíveis para o professor organizar-se, e desenvolver as capacidades necessárias para ajudar o aluno a ampliar suas habilidades.

## **2.1. Trajetória histórica da Geografia escolar no Brasil: recuos e avanços**

Segundo Cassab (2009, p. 46), a geografia escolar no Brasil tem sua origem institucional, em 1837, no Colégio Pedro II que a Geografia, pela primeira vez, torna se uma disciplina estudada na escola. Nesse momento, seu ensino visava contribuir para a construir, junto aos educandos as ideias de nacionalidade e nacionalismo.

O Colégio Pedro II tinha como objetivo central inserir o espírito de nacionalidade e patriotismo nas escolas, a metodologia adotada pelos professores era basicamente descritiva, mnemônica e enciclopédica, fazendo com que o aluno ficasse cada vez mais distante de sua realidade. Segundo estudos realizados o professor não podia formar cidadão críticos e sim

submissos ao Estado. O currículo escolar estava pautado nos ideias de nacionalismo, onde o professor era instruído a ensinar aos alunos, apenas os temas indicados pelo Estado, constantes no currículo escolar, a exemplo das às riquezas naturais e humanizadas, existentes no nosso país.

Com advento da revolução industrial no Brasil, que teve início na metade do Século XIX e início do Século XX, a educação escolar passou por algumas mudanças muito importantes para a educação brasileira. Durante um período de transformação a sociedade foi convidada a acompanhar as mudanças necessárias para atender as demanda do capitalismo.

Reforçando esse modelo econômico, o Estado ofereceu um modelo educacional pautado na formação humana para o mundo do trabalho, portanto uma educação técnica profissionalizante capaz de atender demandas imediatas das transformações econômicas do meio técnico-científico-informacional.

No Brasil, durante o período da Revolução Industrial, o ensino de geografia voltou-se a capacitação de pessoas mediante a execução de cursos profissionalizantes para atender as transformações que estavam acontecendo na sociedade. Portanto, o ensino tinha como objetivo preparar os educandos para o trabalho, a produtividade e a acumulação capitalista para alcançar os avanços tecnológicos a partir da revolução industrial. Desse modo, durante o período da Revolução Industrial no Brasil, o ensino voltou-se para fortalecer a sociedade burguesa, que detinha um imenso poder junto à sociedade, reforçando a luta de classes e o aumento da desigualdade social.

Durante o período da Ditadura Militar os livros didáticos que criticavam àquela época, ou seja, contrariavam a realidade brasileira daquele período, foram imediatamente retirados de circulação. A educação era fortemente influenciada pela política e o ensino de geografia foi muito desvalorizado durante o período esse período.

Nesse momento, a metodologia do ensino de geografia foi difundida nos ideais políticos, ou seja, os professores eram instruídos para servir o Estado Ditatorial, cujo regime não permitia opinar na organização e no controle Estatal. Então, o ensino de geografia foi perdendo cada vez a sua valorização. Diante disto, a disciplina de geografia foi incorporada a disciplina de história passando a compor os estudos sociais que vigoraram por muitos anos.

Segundo Albuquerque (2011), as aulas de geografia ficaram restritas aos conteúdos que interessavam àqueles governos, momento em que a tradição na disciplina escolar de geografia foi reinventada, em virtude dos seus objetivos opressores, vigentes na escola, naquele momento, um Aparelho Ideológico de Estado.

Somente no final do século XX e início do século XXI, vão surgindo novos modelos educacionais para ensino da geografia escolar. Surge à necessidade de formar cidadãos com uma visão de mundo com o pensamento mais crítico para os acontecimentos e transformações mundiais. Então ocorreram diversas mudanças nos currículos escolares colocando novos parâmetros na formação dos cidadãos, então papel das instituições escolares formarem cidadãos competentes capaz de agir por conta própria. Segundo Azevedo (et. all.: 1935, p. 113), a

(...) Geografia passa atualmente, em todo o mundo, por uma fase de transformação. Substituem o antigo sistema puramente de nomenclatura e mnemônico, por uma compreensão científica da matéria. E nestas condições é dever de todos que se interessam pela Geografia auxiliar os poderes públicos na difícil tarefa de modernizar seu ensino.

O ensino de Geografia no Brasil está direcionado, para uma sociedade que está passando por diversas transformações, graças ao advento da Revolução Industrial e da globalização mundial, mas especificamente a Revolução Industrial, no Brasil. Podemos afirmar que essas transformações afetam a todo o conjunto da sociedade, motivo pelo qual, a escola pode ser instrumento de transformação e libertação dos sujeitos a partir da reconstrução de meios que garantam a formação qualitativa que permita os cidadãos atuarem diretamente na sociedade, transformando-a.

## **2.2. Educação contextualizada e ensino de Geografia na EEEFM Professor Crispim Coelho**

Para iniciarmos este item, apresentamos inicialmente, algumas considerações acerca dos sujeitos da pesquisa e da nossa recepção na escola pesquisada, pois quando nos apresentamos fomos bem aceitos para a realização da pesquisa. Logo em seguida apresentamos nossa intenção de verificação, ao passo em que fomos conduzidos as duas salas de aula onde ocorriam as aulas de geografia ministradas por um professor e uma professora, o qual

identificou por terminologias para evitar constrangimentos, uma vez que percebemos em um dos sujeitos entrevistados, a boa receptividade, enquanto o outro professor embora tenha nos recebido deixou transparecer o desconforto com nossa presença e com a pesquisa, criticando de tal modo à fragilidade existente na parceria entre Universidade e Escola, pois alegou o professor “o desconhecimento sobre os resultados das inúmeras pesquisas realizadas naquela escola, sem que trouxessem nenhuma contribuição”. Considerando este desafio, optamos por identificar os professores, conforme tabela a seguir:

**Tabela Nº 1. Caracterização dos educadores/sujeitos da pesquisa.**

<b>Identificação</b>	<b>Idade</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Tempo de Formação</b>	<b>Experiência Profissional Docente</b>
P1	29	Licenciatura em Geografia com especialização no Semiárido Nordestino	8 Anos	8 Anos
P2	51	Licenciatura em Geografia	26 Anos	26 Anos

**Fonte:** Informações adquiridas pela Pesquisadora, 2014.

Podemos identificar na **Tabela 1**, os seguintes aspectos: as diferenças entre idades, os níveis de escolaridade e o tempo de formação e, conseqüentemente o tempo de atuação em sala de aula. Quanto à formação específica de cada um podemos identificar a partir dos dados coletados que todos os educadores possuem formação completa no curso de Licenciatura Plena em Geografia, sendo o Professor P1, com Especialização.

Quanto aos educandos referentes às turmas do 3º Ano do Ensino Médio, da Escola Professor Crispim Coelho, com uma amostragem de 36 alunos sendo distribuído em duas turmas e dois turnos, e o número absoluto de alunos por anos (Tabela 2).



**Tabela N° 2 - Quantidade de educandos entrevistados do ensino médio.**

<b>Prof./Ano</b>	<b>Turma</b>	<b>Turno</b>	<b>N° Absoluto por ano</b>	<b>% Relativo</b>
P1 3° Ano	A	Manhã	15	41,66
P2 3 ° Ano	C	Tarde	21	58,33

**Fonte:** Informações adquiridas pela Pesquisadora, 2014.

Quanto à estrutura etária e de gênero dos educandos entrevistados.

**Tabela N° 3 - Estrutura etária e de gênero dos educandos entrevistados do ensino médio.**

<b>Prof/Ano</b>	<b>Turma</b>	<b>Gênero</b>	<b>Idade</b>	<b>Quantidade de Alunos Por Idade</b>
P1 3° Ano	A	9 Masc/6 Fem.	17-20 anos	15 alunos
P2 3 ° Ano	C	5 Masc./17 Fem.	16-20 anos	21 alunos

**Fonte:** Informações adquiridas pela Pesquisadora, 2014.

Conhecidos os sujeitos da pesquisa, partimos então para o debate acerca da educação contextualizada e o ensino de geografia, considerando o processo de interdependência que os caracteriza.

Segundo a LDBEN (BRASIL: 2006 p. 09), no Art. 22, “A Educação Básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum, indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”. Partindo desse pressuposto, o papel da educação é atuar no desenvolvimento dos indivíduos, enquanto cidadãos atuantes na sociedade.

Segundo Veiga (1995, p.55), na atualidade, “A educação, enquanto processo vivo e dinâmico cresce na qualidade do serviço que presta, na medida em que vive no dia-a-dia, a íntima e indissociável relação técnica/política”. Portanto, a educação é um bem a serviço da sociedade por oferecer aos indivíduos uma formação, e quando voltada a emancipação, libertação dos sujeitos, pode promover a transformação destes seguindo princípios éticos, democráticos e de competência cidadã como no ensino de geografia (SILVEIRA: 2006, p. 11). De acordo com Kaercher (2012, p. 224):

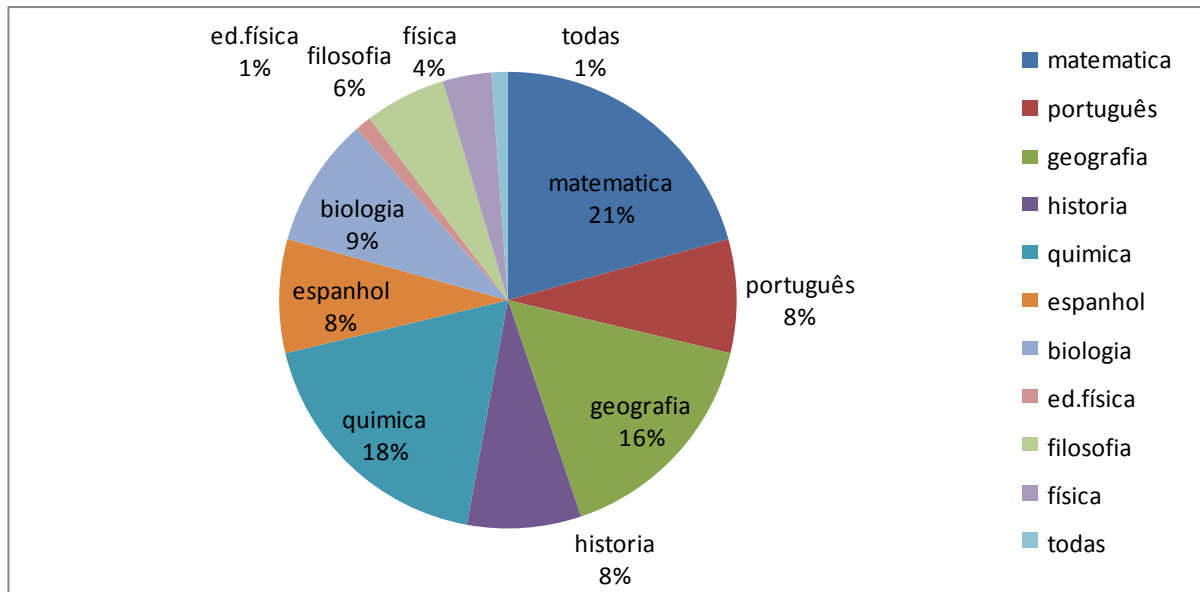
(...) talvez a principal tarefa de professor de Geografia não seja de ensinar Geografia, mas realçar um compromisso que ultrapassa, ou seja, fortalecer os valores democráticos e éticos, a partir de nossas categorias centrais (espaço, território, estados (...)) e expandirmos cada vez mais o respeito ao outro, ao diferente).

O ensino de Geografia está pautado na formação humana e nas relações sociais de produção responsáveis pela construção/transformação do espaço geográfico. Imprescindível que ao ser humano seja concedido o direito a ser cidadão, ao conhecimento dos seus direitos e deveres junto à sociedade para que possa se situar no espaço, a partir do conhecimento adquirido durante o processo de formação educacional cidadã.

A geografia enquanto disciplina promove a compreensão do mundo dos sujeitos pela capacidade de interpretação e noção de que sendo o sujeito agente construtor, portanto, capaz de transformação própria e do mundo, possa atuar na sociedade como cidadão consciente. Contudo, uma prática de ensino pautada no tradicionalismo do ensino, ou seja, na transmissão de conteúdos, contribui para a (de) formação de sujeitos segundo a lógica vigente, distanciando-se, por vezes, da realidade dos educandos. Segundo Braun (2005, p.11),

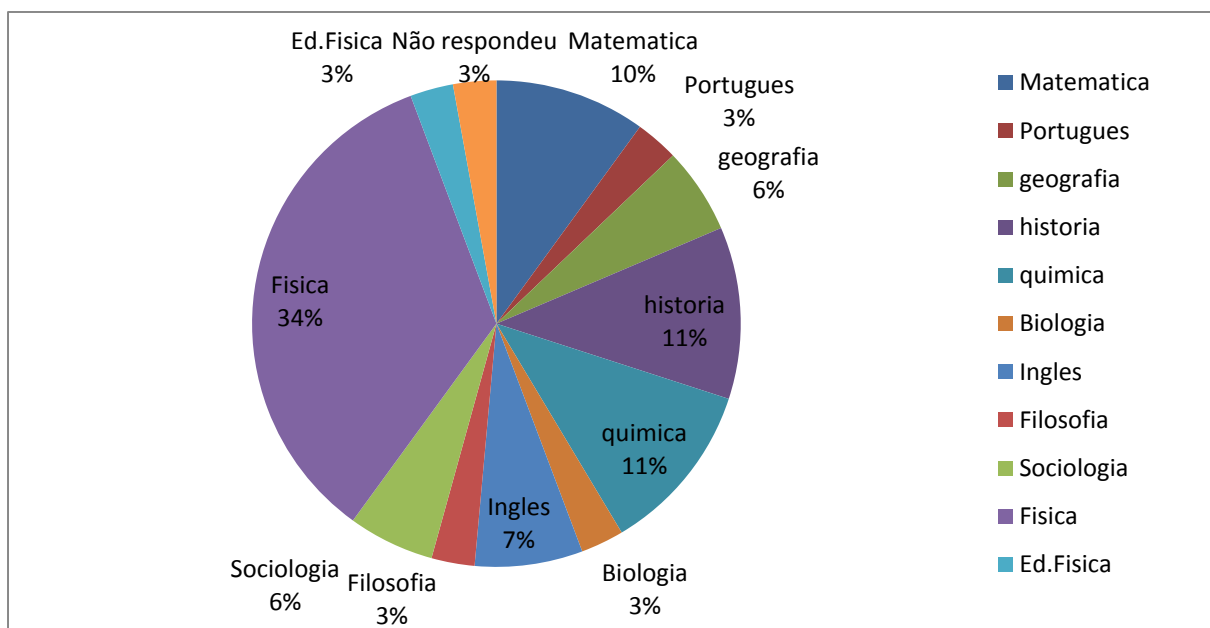
a construção pedagógica do saber geográfico, em muitas situações, continua centrada no discurso oral de aulas expositivas ou em leituras de textos do livro didático. Por outro lado, a importância que os alunos e alunas atribuem á geografia escolar em suas vidas decorre da interação entre a teoria e a prática vivenciadas na abordagem dos conteúdos.

De acordo com os resultados da pesquisa realizada a disciplina de geografia se configura como a terceira disciplina mais bem aceita pelos educandos, sendo antecedida apenas por Matemática, 21% e em segundo lugar, Química, com 18% de preferências, conforme podemos depreender a seguir:

**Figura 1** – Disciplinas que os educandos mais gostam.

**Fonte:** Elaboração Própria, 2015.

No tocante às disciplinas que menos gostam, Geografia apareceu em 5º lugar, antecedida pelas disciplinas de Física, 34%; Química e História, 11% cada uma; e Matemática, 10%.

**Figura 2** - Disciplinas que os educandos menos gostam

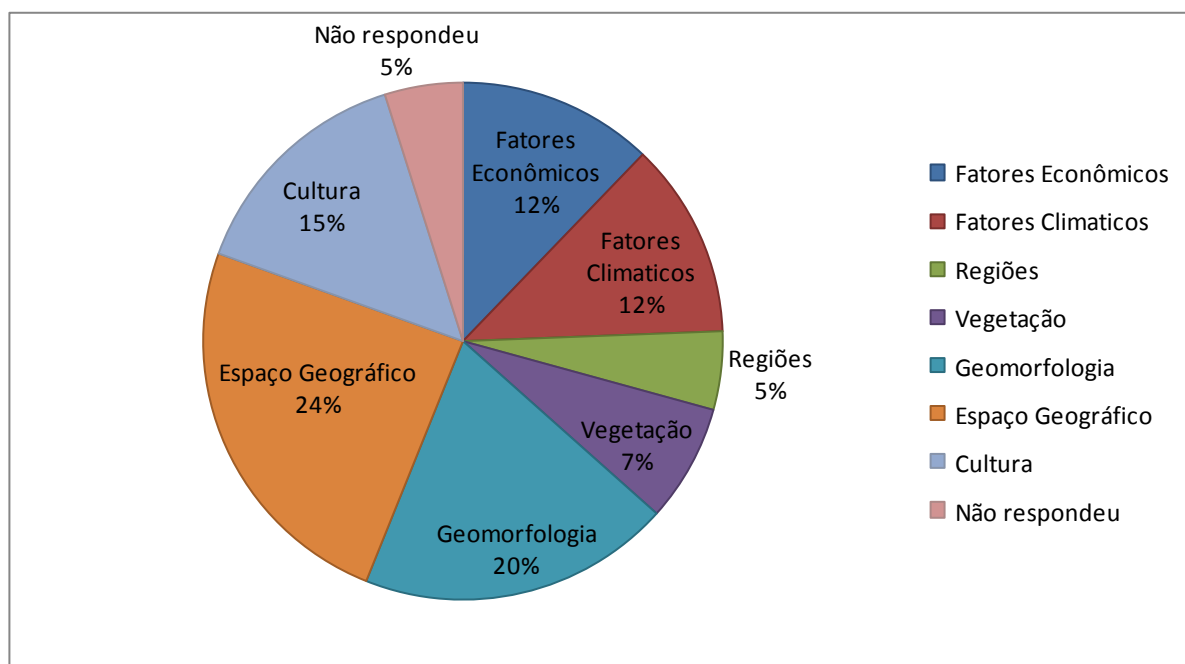
**Fonte:** Elaboração Própria, 2015.

Ao se perguntar se os educandos gostam de estudar geografia, dos 36 educandos investigados, 67% afirmam gostar; 22% responderam que não gostam e, 8% se abstiveram. Os que afirmam gostar da disciplina enfatizaram sobre a importância da disciplina em função da diversidade de conteúdos a serem aprendidos como relevo, clima, natureza, o ser humano, os recursos naturais, o conhecimento das regiões e de países por meio dos estudos, ao passo em que julgaram ser “muito importante para as suas vidas”.

Um fator relevante a se considerar diz respeito aos 22% de educandos que afirmam não gostar de estudar geografia, uma disciplina voltada a interpretação do espaço geográfico, locus de inserção dos educandos, por vezes considerados alienados de suas próprias realidades. Sobre a apatia desenvolvida por alguns educandos em relação à geografia, de acordo com Braun (2005, p. 11), o educando pode gostar ou não de uma disciplina por vários fatores, dentre eles, destacam-se os métodos utilizados pelos professores, os quais são capazes de “influenciar diretamente no processo ensino aprendizagem”. Sugere o autor (*ibidem*) que cabe ao professor despertar nos educandos o desejo para estudar uma determinada disciplina.

A forma como o saber é construído influencia diretamente na formação do educando e na relação entre aluno e professor. O comprometimento, a implicação do profissional docente com uma educação transformadora pode ocasionar uma relação mútua de aprendizagem e conhecimento entre professor e aluno, situação esta que pode desencadear o gosto pela disciplina e pelos conteúdos geográficos, mecanismo que pode ser auxiliado por aulas atraentes e dinâmicas, viabilizadas por meio de procedimentos metodológicos distintos e recursos variados.

O discurso sobre os valores e sentidos da disciplina de geografia também se fizeram sentir quando perguntamos sobre o que estudar em geografia. As respostas variaram desde o estudo do espaço geográfico, 24%; geomorfologia, 20%; cultura, 15%; fatores econômicos e fatores climáticos, 12%, cada fator; vegetação, 7%; regiões, 5%; e 5% de abstenções. De acordo com os alunos entrevistados, gostar dos conteúdos estudados estimula a aprendizagem, uma vez que o estudante mostrar-se com maior interesse, oferecendo mais atenção na aula e se estimulando.

**Figura 3** - O que estuda a Geografia?

**Fonte:** Elaboração Própria, 2015.

Conhecer e compreender a noção dos conteúdos da disciplina de geografia sinaliza para a importância do desenvolvimento de uma educação contextualizada, especialmente se considerarmos os mecanismos, ou linguagens e os recursos utilizados no ensino para a construção do conhecimento voltado a facilitar a compreensão das realidades dos educandos, tornando a aprendizagem significativa.

Por meio deste estudo investigamos as concepções sobre o ensino de Geografia e como são abordadas as metodologias e quais os recursos didáticos são utilizados em sala de aula pelas professoras de geografia na EEEFM Francisco Crispim Coelho. De acordo com as entrevistas semi-estruturadas realizadas junto aos professores de geografia e aos educandos analisamos os depoimentos frente às práticas docentes realizadas na abordagem dos conteúdos geográficos e dos recursos e linguagens utilizadas pelos referidos professores.

A análise das informações e observação constitui-se como instrumento para reflexão para os resultados deste trabalho e assim foram realizados, pois segundo Marconi e Lakatos, (2010, p.33) a análise é a tentativa de evidenciar as relações existentes entre o fenômeno estudado e outros fatores. Essas relações podem ser estabelecidas em função de suas propriedades relacionais de causa-efeito, produtor-produto, de correlações e de análise de conteúdos.

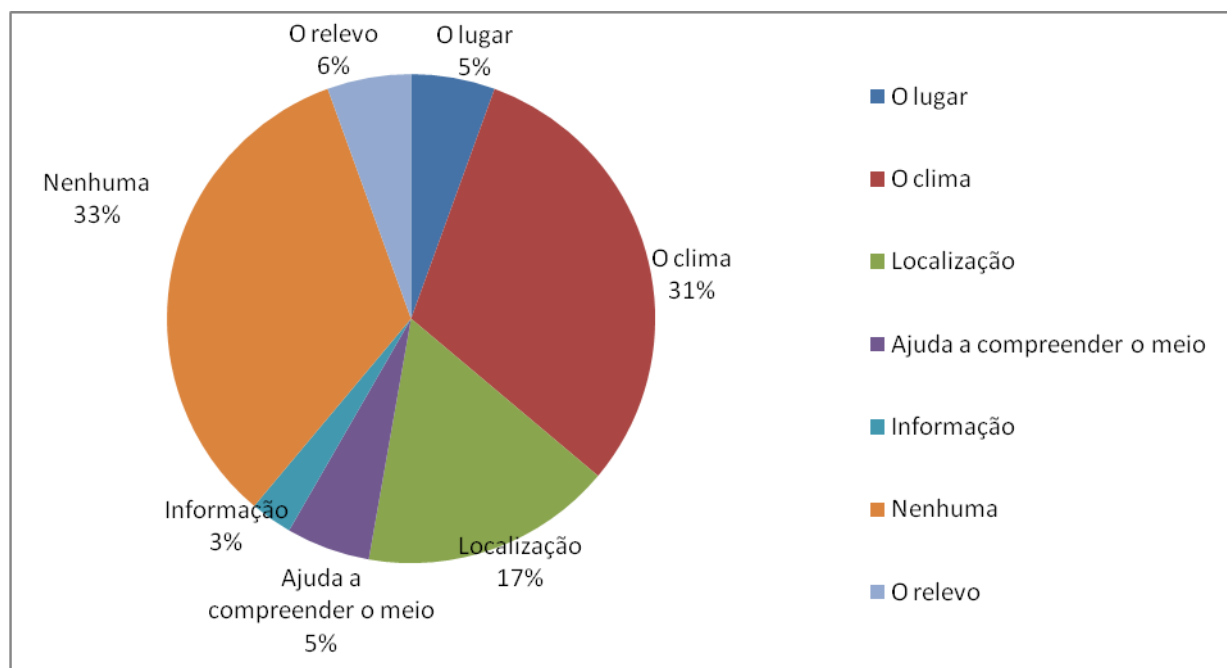
Dentre as questões elencadas na entrevista começamos investigando se o educando gosta de estudar naquela Escola. Dos 36 alunos entrevistados nas duas turmas, 33 alunos disseram que gostam de estudar na respectiva instituição, restando três educandos que afirmaram não gostar. A insatisfação com a escola, a demonstração de desapego, a desvalorização/negação das realidades dos educandos por parte da escola podem influenciar negativamente nos resultados da formação dos educandos e, por conseguinte, pois segundo Cavalcanti (2002, p. 176) “A escola é um lugar de encontro e de confronto de saberes produzidos e construídos ao longo da história pela humanidade. Ela lida com a cultura, seja no interior da sala, ou seja, nos demais espaços escolares”. Portanto, o ambiente escolar onde transitam diversos sujeitos e culturas requer um olhar especial para a diversidade que representa a escola.

O reconhecimento da diversidade se expressa também nos resultados do ensino. Quando perguntamos aos educandos se a geografia tem alguma relação com suas vidas e se ela tem alguma serventia, 89% dos educandos afirmaram que sim, ao passo em que 8% afirmaram que não, e 3% não souberam opinar. A importância dessas relações e compreensões acerca da geografia na vida dos sujeitos, Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p.108) afirmam que “na geografia, os conteúdos procedimentais relacionam-se ao modo pelo qual os alunos assimilam certas práticas que passam a fazer parte de sua própria vida”.

É a partir da geografia que os alunos conhecem a organização do espaço em que vivem, e como ele vai atuar como um agente transformador no meio. É irrefutável a importância que tem a geografia na vida dos alunos, pois cada um deles evidencia um entrosamento distinto sobre a precisão da geografia em sua vida. Eles têm maneiras próprias de apreender e ver a disciplina através do seu cotidiano, dessa forma o educador deve desenvolver o ensino-aprendizagem considerando a contextualização dos conteúdos com a vida dos sujeitos.

Perguntamos aos educandos qual a relação dos conteúdos de Geografia em suas vidas e percebemos um desencontro de informações, expressando, sobretudo, a dificuldade de compreensão na leitura de mundo e do foco da questão abordada. Sendo assim, as respostas faltaram clareza na pergunta realizada e os entrevistados citaram os temas relacionados à Geografia, portanto, fugiram do foco da questão. Contudo, os que entenderam a pergunta perfizeram um total de 33% dos entrevistados que afirmaram que os conteúdos de geografia não apresentam nenhuma relação com suas vidas.

**Figura 4:** Relação dos conteúdos de Geografia com a vida dos educandos.

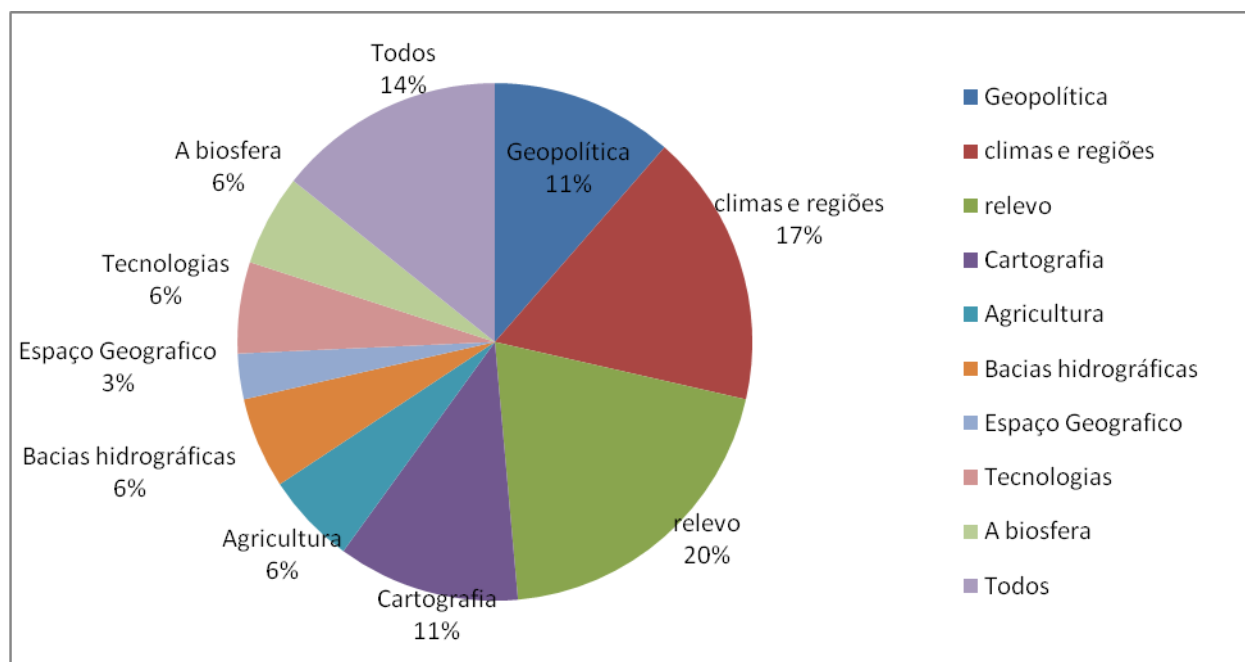


**Fonte:** Elaboração Própria, 2015.

A geografia, presente na vida humana, desde os tempos mais remotos era utilizada pelos seres humanos para a sua sobrevivência era necessário que se localizassem, utilizando a natureza como recurso para isso (BUENO e CALLAI: 2009, p. 03). Daí, a importância de correlacionar-se o ensino de geografia com a vida dos educandos, pois segundo Cavalcanti, (1998, p. 129): “A geografia na escola deve estar, então, voltada para o estudo de conhecimentos cotidianos trazidos pelos alunos e para seu confronto com o saber sistematizado que estrutura o raciocínio geográfico”.

Em relação aos conteúdos de geografia que os educandos mais gostam, afirmou 20% dos entrevistados, o relevo; 17%, climas e relevo; 14%, todos os conteúdos; 11%, a cartografia e a geopolítica, cada uma; e, 6%, a biosfera, a agricultura, as tecnologias e bacias hidrográficas, cada uma, o objeto de estudo da geografia.

**Figura5:** Conteúdos de Geografia que os educandos mais se identificam.



**Fonte:** Elaboração Própria 2015

Os conteúdos abordados apresentam relativa complexidade quando nos referimos à interdisciplinaridade, motivo pelo qual se faz importante o reconhecimento da diversidade dos sujeitos, assim como o conhecimento das realidades locais, configurando um sistema interligado de informações dispostas para a construção do conhecimento, conforme afirma Haydy (1998, p. 133):

Com relação à organização dos conteúdos, o professor deve considerar também a estrutura da disciplina, para que o aluno possa ter uma visão global do campo de conhecimento estudado e para que possa ter acesso às ideias mais significativas e relevantes da disciplina, sistematizando-as e aplicando-as em áreas correlatas. A estrutura básica de uma disciplina é um sistema de relações que forma um todo coerente, harmônico e integrado.

O reconhecimento da importância da educação contextualizada e sua abordagem no ensino de geografia associada a abordagem conteudística inserida na perspectiva local-mundial, são referências a serem consideradas tomando como ponto de partida, os sujeitos educandos, assim como os professores, partícipes e construtores do conhecimento. Desse modo é que percebemos a necessidade de situarmos o papel da escola e do ensino de geografia na formação cidadã.



### **3. O PAPEL DA ESCOLA, DA EDUCAÇÃO E DO ENSINO DE GEOGRAFIA NA FORMAÇÃO CIDADÃ**

A escola como lugar de oportunidades, interação e de construção de conhecimentos diversificados tem como princípio o bom desempenho das atribuições da equipe técnica pedagógica, considerando um processo rotineiro e inovador preñado de dinamismo nas etapas de planejamento, execução, avaliação e reprogramação das atividades pedagógicas escolares com vistas à produção de conhecimentos, e o reconhecimento das realidades dos educandos a partir de suas tradições, costumes e culturas, uma vez que a educação é um ato cultural dos seres humanos.

Desse modo, os sujeitos da escola contribuem para a transmissão da cultura, conforme cita Urtt e Simão (2012, p. 178) ao considerarem “a educação como a forma cultural de transmitir às novas gerações os conceitos elaborados ao longo da história, na relação dos homens entre si e com a natureza, na produção da sua existência”.

A concepção de Frigotto (1999, p. 58), “a escola é uma instituição social que, mediante sua prática no campo do conhecimento, dos valores, atitudes e, mesmo por sua desqualificação, articulam determinados interesses e desarticulam outros”. Nessa contradição existente no seu interior, está a possibilidade da mudança, haja vista as lutas que aí são travadas. Portanto, pensar a função social da escola implica repensar o seu próprio papel, sua organização e os atores que a compõem.

Segundo Petitat (1994, p. 11), a escola constitui-se como elemento de fortalecimento e de contribuição para a reprodução da ordem social, embora, por vezes também participe da discussão de transformação da sociedade. Segundo a perspectiva marxista, a escola pode ser vista como um centro irradiador de modelos de pensamento da classe dominante (burguesia) para o controle da classe dominada (proletariado), como um espaço para despertar a consciência de classe (a consciência revolucionária) e irradiação de contra-hegemonia, no sentido gramsciano.

O papel da escola é também relacionar os conteúdos nela estudados com as práticas diárias dos alunos. Na prática, vislumbra-se um cenário de distanciamento entre os conhecimentos transmitidos, ao invés de produzidos coletivamente, e as experiências dos alunos, conforme consta nos PCN (BRASIL, 2000, p. 12) do Ensino Médio:

Não se pode mais postergar a intervenção no Ensino Médio, de modo a garantir a superação de uma escola que, ao invés de se colocar como elemento central de desenvolvimento dos cidadãos, contribui para a sua exclusão. Uma escola que pretende formar por meio da imposição de modelos, de exercícios de memorização, da fragmentação do conhecimento, da ignorância dos instrumentos mais avançados de acesso ao conhecimento e da comunicação. Ao manter uma postura tradicional e distanciada das mudanças sociais, a escola como instituição pública acabará também por se marginalizar.

Portanto, para além de educar, o papel da escola é também o da inclusão social dos sujeitos e que aquela seja capaz de compreender e atender as necessidades dos alunos de acordo com as demandas destes, reconhecendo, portanto, suas diversidades. O distanciamento das práticas tradicionais de ensino, os métodos de organização do espaço escolar e do trabalho pedagógico têm contribuído para o aumento das taxas de evasão escolar, repetência, distorção idade-série, dentre outros, ao invés de se produzir uma educação por competência cidadã capaz de formação de sujeitos críticos, reflexivos, de ação e transformação.

Nos dias atuais, o papel da escola se tem voltado à preparação de cidadão para atuar, diretamente no mercado de trabalho pautando-se, principalmente na competitividade e na produtividade no mercado de trabalho, a partir trabalho alienado. Na concepção de Frigotto (1984, p. 151), na ótica capitalista,

a função da escola, de acordo com tal mediação, não se atrela somente ao plano ideológico, como ferramenta da reprodução e manutenção capitalista, mas sim nas condições, sejam elas técnicas, administrativas ou políticas, que possibilitam o capital selecionar “aqueles que, não pelas mãos, mas pela cabeça, irão cumprir as funções do capital no interior do processo produtivo”.

Nessa perspectiva, também caminha o ensino de geografia com a reprodução de saberes externos às realidades dos alunos, a transmissão de conhecimentos construídos segundo os interesses da ideologia dominante do modo de produção vigente, quase sempre desconectada da história dos sujeitos da escola. Para Cavalcanti (2012, p. 45), no ensino de Geografia, os objetos de conhecimento são os saberes escolares referentes ao espaço geográfico são resultados da cultura geográfica elaborada cientificamente pela humanidade e considerada relevante para a formação do aluno.

Atualmente, o ensino de Geografia está pautado em uma proposta mais crítica ao ensino e atualmente preza por uma visão investigadora para a formação de cidadãos competentes. E atua diretamente na vida dos alunos, através cultura que os mesmo estão inseridos, então esses aspectos é um fator muito importante para aprendizagem dos educandos, sendo assim o cotidiano deles mostra traços que caracteriza sua vida então e muito importante o professor frisar esses aspectos na sua atuação enquanto professor, sendo assim muito importante para a formação de cidadãos críticos-reflexivos.

Cavalcanti (*ibidem*) destaca que “a escola é, nessa linha de entendimento, um lugar de encontro de culturas, de saberes, de saberes científicos e de saberes cotidianos, ainda que o seu trabalho tenha como referência básica os saberes científicos”. A escola lida com culturas, seja no interior da sala de aula, seja nos demais espaços escolares, e a geografia escolar é uma das mediações pelas quais o encontro e o confronto entre culturas acontecem.

A escola é lugar socialmente multicultural. Nela estão reunidos indivíduos de diferentes culturas, classe sociais, etnias, gerações, gêneros, dentre outras diversidades, exigindo, portanto, a qualificação docente para atenção a essas demandas crescentes em função do reconhecimento das diferenças.

Na escola, o ensino ocorre por meio de diferentes disciplinas que fazem parte do currículo escolar, portanto a metodologia e os procedimentos devem ser planejados a partir da cultura dos alunos, da cultura escolar, do conhecimento organizado e articulado mediante a organização do trabalho pedagógico da escola. Ensinar geografia significa conhecer a espacialidade do ambiente escolar e sua inserção no espaço circundante.

Cavalcanti (2012, p. 45), ressalta que “a prática cotidiana dos alunos é, desse modo, plena de espacialidade e de conhecimento dessa espacialidade”. Cabe à escola trabalhar com esse conhecimento, discutindo, ampliando e alterando a qualidade das práticas dos alunos, no sentido de uma prática reflexiva e crítica, necessária ao exercício conquistado de cidadania. Daí decorre o papel da escola em desempenhar múltiplas funções capazes de reconhecer os sujeitos educandos em suas diversidades, desempenhando dentre outras funções a de apresentar-se como espaço no qual os educandos sintam-se libertos, felizes, capazes de desenvolvimento de sociabilidades e de construção de saberes cotidiano.

### **3.1. Função da Educação Frente às Transformações Econômico-sociais e Suas Repercussões no Ensino de Geografia**

A educação é uma prática social que desempenha sua função social através da formação dos indivíduos, os quais interagem entre grupos de pessoas formando uma totalidade na educação. Podemos ver a educação como motora do saber, produtora de conhecimento através dos educandos e dos profissionais da área, estes que atuam por meio de métodos ativos, capazes de promover o ensino-aprendizagem qualitativo.

Dentre as características do mundo contemporâneo, as mudanças no setor econômico, social, político, cultural, dentre outros, configuram o contexto atual pelo desenvolvimento de transformações no meio social, destacando-se uma cultura tendente à homogeneização de costumes em todos os espaços, como expressão da negação das diversidades de todos os povos, em âmbito mundial, mediante a multiplicidade de redes de conexão entre as economias internacionais.

No que diz respeito à geografia frisamos algumas mudanças em seu contexto enquanto ciência, pois seu objeto de análise, o espaço, pode e deve ser interpretado transdisciplinarmente. Sendo assim, a ciência geográfica passa a se organizar a partir de uma perspectiva mais integradora dos seus estudos, visando à união de diversos conteúdos da área.

Os avanços científicos nesta área, na atualidade servirão para tornar a geografia uma disciplina mais aberta a outras ciências.

Contudo, os caminhos da educação sempre indicou uma perspectiva de orientação voltada para o mundo do trabalho, regida pelos ditames do capitalismo. Para tanto, encontra no ordenamento legal da educação nacional, as bases de uma educação voltada para a formação pautada na qualificação para esse seguimento.

Os PCN do Ensino Médio (BRASIL, 2000, p.13) tratam da educação considerando o fenômeno da globalização econômica como um elemento positivo, caracterizado principalmente pelo rompimento de fronteiras, mudança na geografia política, reafirmando a educação para o mundo do trabalho, através da transferência de conhecimentos, tecnologias e informações, recolocando as questões da sociabilidade humana em espaços cada vez mais distantes da perspectiva de uma educação emancipadora, na qual os sujeitos se reconheçam capazes de transformação de suas próprias vidas e da sociedade em que se inserem.

Com advento da globalização, as transformações são mais acentuadas com relação ao ensino, pois ela age diretamente na sociedade, requerendo agilidade nos processos de formação qualificada para o mercado de trabalho, realizada em menor espaço de tempo. Assim, surgiu a educação profissionalizante com ênfase na produção de currículos escolares capazes de atender as necessidades imediatas do modo de produção.

Nesse sentido, os PCN (BRASIL: 2000, p.15) tratam do desenvolvimento de habilidades e o estímulo ao surgimento de novas aptidões como processos essenciais nas novas exigências do mercado, na medida em que criam as condições necessárias para o enfrentamento das novas situações que se colocam. Privilegiar a aplicação da teoria na prática e enriquecer a vivência da ciência na tecnologia e destas, no social passa a ter uma significação especial no desenvolvimento da sociedade contemporânea, especialmente para promover a educação para o mundo do trabalho, ao invés de uma educação para a vida.

Istvan Mészáros (2005) propõe romper-se com a sociedade ancorada pelos ditames da lógica capitalista, e estabelecer estratégias de transição para outra sociedade, na qual a educação seja para além do capital e seja ressignificada de valores e importâncias para os sujeitos da escola. De acordo com Gramsci, a questão educacional tem como pressuposto o debate acerca de sua política e, portanto, filosófica e histórica da educação. Portanto, a escola para Gramsci constitui-se como um aparelho hegemônico de estado, mas sob a organização de uma nova cultura. Daí a escola estar atrelada no modo de produção vigente associada à ideia de hegemonia, segundo outra significação, uma contra-hegemonia pautada essencialmente na questão do intelectual.

Portanto, na perspectiva Gramsciana, compreender a escola implica pensar a filosofia, por sua vez, a história concreta produzida no seio das sociedades através das relações sociais de produção; é pensar a história concreta política e, dentro desta, a luta de classes e as hegemônias em disputa. Portanto, para Gramsci a escola tanto prepara os educandos para o mundo do trabalho, como para a vida, e isso está diretamente relacionado às intencionalidades do processo político e da luta de classes diferenciadas, cada uma, detentora de sua ideologia própria.

Para inverter este quadro, cabe também aos educadores assumirem o compromisso de formar pessoas para a vida. Contudo, é obrigação do Estado, o qual via de regra está atrelada as classes sociais dominantes; buscar meios que garantam formação de qualidade, a partir da qual

os educandos sejam conscientizados para atuarem diante de tantas mudanças que estão acontecendo no mundo em que eles estão inseridos, bem como para os professores em sua formação inicial e continuada.

Na concepção de Freire (1996), a educação possibilita o desenvolvimento do pensar reflexivo pelos alunos acerca dos conhecimentos adquiridos ao longo de suas vidas, cujo dinamismo histórico influencia na formação dos indivíduos, individual e coletivamente, portanto é importante a relação que cada um tem com seu espaço de convivência, em função de ser este espaço construído socialmente mediante relações de produção, produzindo e reproduzindo a luta de classes como expressão de um embate capaz de demarcar espaços diferenciados entre dominantes e dominados.

Considerando a tradição no ensino de geografia atrelada a uma educação conteudística, associada ao uso intensivo e quase que exclusivo do livro didático, cujos conteúdos se distanciam da vida dos alunos, além de práticas docentes que se pautam muito mais na transmissão do conhecimento, do que propriamente no diálogo de saberes diferenciados, temos, como resultado a escola como símbolo da alienação, da reprodução e da transmissão de conteúdos, um aparelho ideológico capaz de dominar os sujeitos que nela se relacionam, segundo os interesses de um grupo social dominante com os interesses das classes sociais que os representam.

A importância da contextualização do ensino de geografia com as realidades dos sujeitos da escola provém de sua função central, a de educar para a cidadania competente, partindo do lugar dos sujeitos e destes como responsáveis pela produção e transformação do espaço geográfico.

Para melhor compreendermos a temática abordada trazemos os resultados da pesquisa neste trabalho, a partir das análises das informações obtidas, durante a pesquisa de campo quando entrevistamos professores e educandos acerca das práticas docentes no ensino de geografia, na E.E.E.F.M Professor Crispim Coelho e concluímos acerca de quais as concepções e práticas dos professores sobre o papel da escola, tomando como ponto de partida, o ensino de geografia.

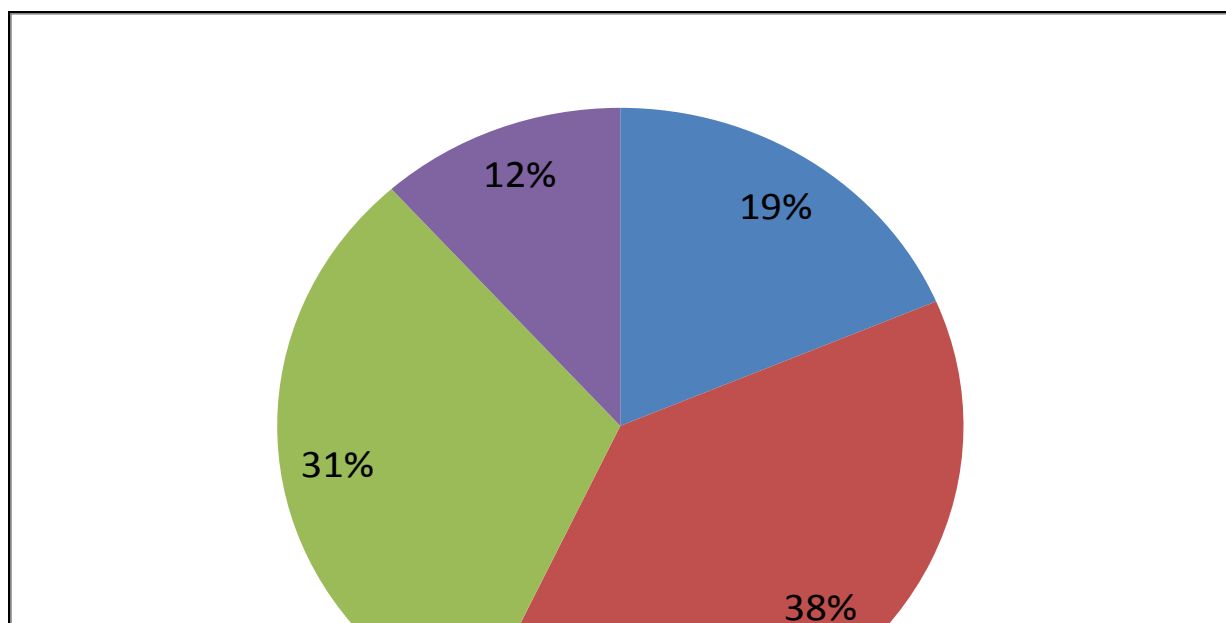
### **3.2. Concepções e Práticas Docentes no Ensino de Geografia na E.E.E.F.M. Professor Crispim Coelho**

Além dos procedimentos de observação realizados durante a pesquisa, as entrevistas junto com os professores e educandos estão fundamentadas na compreensão da importância do ensino de geografia para a formação cidadã, assim como da necessidade de abordar conteúdos associados à utilização de distintas metodologias e recursos a serem utilizados para melhor interatividade entre aluno-conteúdo, aluno-aluno, aluno-professor, professor-conteúdo. As informações obtidas possuem relevância para a conclusão das informações acerca da temática abordada, tendo em vista a possibilidade de confrontá-las com os resultados obtidos nas entrevistas realizadas com os educandos, as quais tiveram como objetivo identificar as metodologias e os recursos utilizados pelos professores em sala de aula, assim como a verificarmos a aceitabilidade destes por parte dos educandos, uma vez que a análise destas entrevistas objetivou conhecer mais sobre os processos metodológicos usados em sala de aula pelos professores de geografia.

As inovações metodológicas no ensino são imprescindíveis com vistas a romper com práticas tradicionais presentes no ensino, e no cotidiano escolar. A evolução técnico-científico-informacional possibilita aos educandos, sobretudo das três últimas décadas, o acesso às transformações e comunicações imediatas, rompendo obstáculos, distâncias e tempos, cuja velocidade da informação e da tecnologia, nem sempre acompanha a dinâmica morosa da escola, esta que por vezes se distancia do dinamismo das novas gerações, mediados, sobretudo pelo uso das novas tecnologias da informação e da comunicação.

Dentre as metodologias utilizadas na sala de aula, 38% dos educandos afirmaram que os professores de geografia são inovadores em suas aulas, uma vez que não se restringem apenas a uma única metodologia, pois procuram diversificar suas aulas; em segundo lugar ficaram os seminários e exposição oral, com 19%, cada uma, e por último, o estudo de campo, com apenas 12%.

**Figura 6** – Estratégias Metodológicas Utilizadas Pelo Professor no Ensino de Geografia na Visão dos Educandos.



**Fonte:** Elaboração Própria, 2015

A utilização de estratégias metodológicas distintas consubstancia a compreensão dos conteúdos pelos educandos a fim de que os alunos reflitam sobre as suas vivências e as produções humanas, concretizadas no seu espaço de convivência direto e nas organizações das sociedades de tempos e espaços desiguais, conhecer como sendo decorrentes das contradições. Portanto, as metodologias utilizadas são muito importantes para que os alunos consigam instrumentalizar o diálogo e consolidar as ideias que cada conteúdo traz.

Segundo Vieira (2010, p. 6), a busca por metodologias que consigam auxiliar o ensino-aprendizagem, seja através do livro didático, também um importante apoio, mas, não se restringindo a este, mas através de tecnologias diversas, caracterizando um educador implicado com a educação.

Identificamos através das entrevistas que o aluno, muitas vezes, gostaria de viver cada dia uma aula distinta para não se tornar monótona; e que seja participativo, voltado a sua realidade, a partir da qual o professor apresente os conteúdos que os levem a entender o momento atual, identificando as diferenças e as desigualdades, exercitando e construindo a cidadania.

Desse modo, perguntamos aos professores como trabalham os conteúdos geográficos em sala de aula e as respostas foram a diversidade de metodologias, a exemplo de aulas



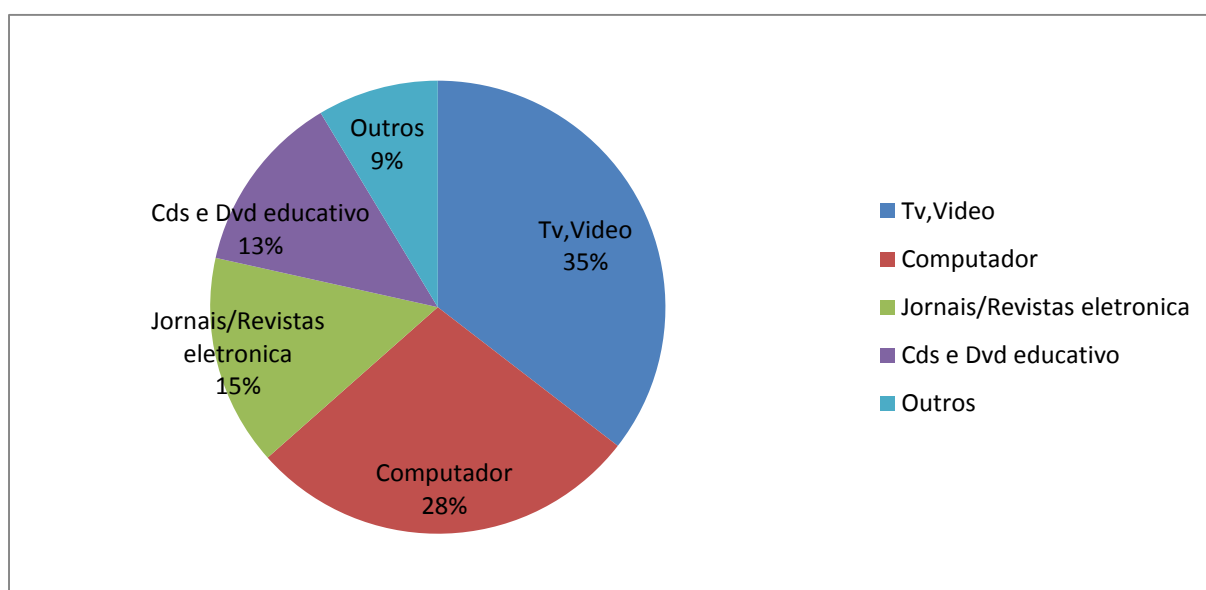
expositivas dialogadas, apresentação de seminários, literaturas, pesquisas, diálogo e esquemas no quadro de giz. Quando confrontamos essas informações com os depoimentos dos educandos, observamos que apenas uma metodologia é comum nos depoimentos, os seminários.

Enfatizaram os educandos que o uso de metodologias e recursos tecnológicos diversificados auxilia no processo ensino-aprendizagem dos alunos para “Compreender as formas mais claras e amplas dos conteúdos, e as mesmas ficam mais dinâmicas” (P1, 2014); e “Auxiliam de forma mais atrativa e dinâmica” (P2, 2014).

Ao questionarmos sobre quais recursos tecnológicos a escola disponibiliza para o ensino de geografia em sala de aula, as professoras responderam: “mapas, globo, data show, uso do laboratório de informática, aparelho de som, máquina fotográfica digital, aparelho DVD, repor projetor com tela etc.” (P1, 2014); além de “laboratório de informática” (P2, 2014). Constatou-se que a escola dispõe de relativa infraestrutura para realização do trabalho didático-pedagógico.

Dentre outros recursos disponíveis na escola, os professores afirmaram a existência dos seguintes itens para o ensino de Geografia.

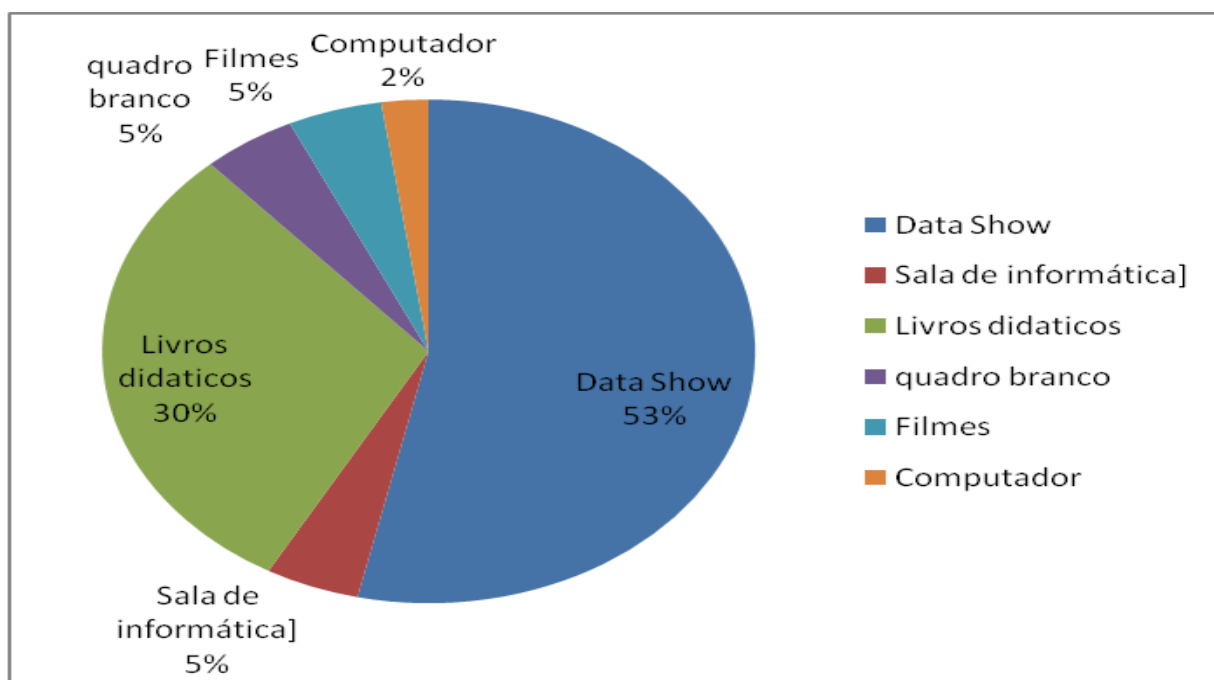
**Figura 7:** Recursos existentes na escola, segundo os professores.



**Fonte:** Elaboração própria, 2015.

Na concepção dos educandos, os recursos disponíveis na escola, são quadro branco, filmes, computador, livros didáticos, sala de informática e data show.

**Figura 8:** Recursos utilizados pelo professor em sala de aula, segundo os educandos.



**Fonte:** Elaboração própria, 2015.

Nesta pergunta os alunos responderam quais os recursos didáticos que o professor utilizava nas aulas de geografia para o melhoramento e qualidade do ensino. Segundo os dados coletados 53% o professor utiliza mais o data show um equipamento “moderno” contudo as aulas ainda são tradicionais, seguido do livro didático, 30%, além de quadro branco, filmes e sala de informática, 5% e computador, 2%. Registramos algo digno de nota em relação às respostas contraditórias: uso de computador, 2% e sala de informática, 5%. Não detectamos o entendimento sobre esses usos.

Perguntamos aos Professores P1 e P2 sobre quais as formas como associam o conteúdo trabalhado na aula com os recursos tecnológicos e os mesmos responderam: “Procuro observar nos conteúdos aplicados alguns pontos necessários a um melhor suporte ou complemento na aprendizagem dos alunos e aplico os recursos tecnológicos de acordo com a necessidade”. (P1, 2014); e “Esta associação é feita de acordo com os recursos que a escola me oferece, ou seja, Data Show, tablet,” (P2, 2014).

Conciliar recursos e metodologias é um desafio colocado à escola. Considerando a existência de recursos como televisão, vídeo, computador, jornais, revistas eletrônicas, cd's e dvd's, dentre outros, segundo os professores P1 e P2, os recursos são de fácil utilização e há pessoas que tem dificuldades de manuseá-los, assim como a importância da compreensão de recursos como aliados na construção do ensino-aprendizagem, e nunca substitutos do professor, conforme afirma Passini (2011, p. 103-115):

Não são os recursos didáticos que transformam aulas de reprodução em aulas de construção. Temos que definir se queremos formar alunos copiadores ou criativos, alunos submissos ou críticos, se utilizamos pensamentos prontos ou incentivamos nossos alunos a pensar; enfim, essa decisão metodológica é do professor. Outros tantos recursos didáticos e tantas dinâmicas podem auxiliar os alunos a aprender geografia significativamente.

Corroborando a essa assertiva, Batista, Nascimento e Vilar ([s.d.], p. 3) afirmam que,

O recurso didático tem por finalidade não somente quebrar os paradigmas do ensino tradicional no que se refere ao conteudismo, à memorização do conteúdo e ao distanciamento da realidade dos alunos ou mesmo, simplesmente substituir o professor, a lousa e o livro didático pelo moderno.

De acordo com o professor P1 (2014) é importante conhecer e saber utilizar os recursos, pois a “associação entre os conteúdos, metodologias e os recursos se faz a partir das necessidades que cada conteúdo necessita e funciona como suporte, ou seja, uma ferramenta didática”; ao passo em que o professor P2 (2014) afirma que “associa de acordo com os recursos tecnológicos que a escola oferece”.

Para Libâneo, (1994, p. 158) a diversidade de estratégias de ensino é favorável a construção do conhecimento, pois “quando o professor aplica métodos ativos de ensino (solução de problemas, pesquisa, estudo dirigido, manipulação de objetos etc.), deve ter clareza de que somente são válidos se estimulam a atividade mental dos alunos”. Ao invés de adotar a máxima “aprender fazendo”, optar por “aprender pensando naquilo que faz” (LIBÂNEO, 1994, P. 158). Então aprendizagem dos alunos vai esta relacionada com a maneira que o professor vai aplicar os conteúdos, os métodos atrativos são de suma importância para o ensino aprendizagem.

Nesse sentido, a ação-reflexão-ação pressupõe a maturidade do conhecimento pelos sujeitos, assim como a compreensão o mundo onde se inserem, conforme reafirmam os PCN (BRASIL, 2000, p.15): “O aumento dos saberes que permitem compreender o mundo favorece o desenvolvimento da curiosidade intelectual, estimula o senso crítico e permite compreender o real, mediante a aquisição da autonomia na capacidade de discernir”.

No tocante ao manuseio de recursos didáticos eletroeletrônicos percebemos considerável insegurança por parte das professoras entrevistadas por não demonstrarem espontaneidade na utilização daqueles. Segundo Libâneo (1994, p. 173) “os professores precisam dominar, com segurança, esses meios auxiliares de ensino, conhecendo-os e aprendendo a utilizá-los vai depender do trabalho docente prático, no qual se adquirirá o efeito traquejo na manipulação do material didático”.

Para o autor (*ibidem*) é importante que professores estejam capacitados para associarem os conteúdos com os recursos tecnológicos que o ambiente de trabalho disponibiliza para haver um ensino de boa qualidade, o que segundo os professores P1 e P2, a utilização de recursos variados modifica os resultados alcançados em suas aulas, especialmente quando associados à diversas metodologias.

O reconhecimento das ações dos professores por parte dos educandos se expressa pela aceitação de seu trabalho educativo, ou seja, 85% afirmam gostar dos professores e da forma como eles ensinam, ao passo em que 15% responderam o inverso, reafirmando a diversidade das percepções dos educandos, assim como das metodologias utilizadas, as quais influem diretamente na aprendizagem, conforme Costa (2011, p.14).

De certo modo, a metodologia empregada pelo professor em sala de aula acaba por influenciar de alguma forma na aprendizagem dos alunos, assim podemos dizer que cabe ao professor a tarefa de buscar novas formas de ensinar e de procurar desenvolver nos alunos o senso crítico e a capacidade de construir conhecimento, levando em conta a realidade onde o aluno está inserido e sua capacidade.

O procedimento metodológico empregado pelo professor está estreitamente relacionado ao recurso necessário a execução da aula, além de prever a apresentação dos conteúdos contextualizados com a realidade e a vida cotidiana dos educandos, para assim adequar

importância e compreensão, visto que estes, na maioria das vezes sentem dificuldade em se cogitar no espaço/território desconhecido.

O domínio e a habilidade em manusear distintos recursos didáticos constituem-se como importantes fatores no aproveitamento do ensino-aprendizagem. Os recursos didáticos tem por objetivo fundamental promover a identificação dos conteúdos através de aulas, mas dinâmicas e atraentes, sendo de suma importância para o ensino. Segundo Kimura (2010, p.81) “como é sempre o professor o mediador do conhecimento a ser maneira ensinar”? “Quer dizer, estando no cerne do ato educacional o fazer-pensar do professor e do aluno, o ensinar aprender adquire uma importância fundamental”, ou seja, esses recursos irão facilitar o educador a despertar o interesse do aluno em relação ao ensino da Geografia.

Segundo Kimura (*ibidem*) os recursos didáticos são de fundamental importância para um bom desenvolvimento da prática de ensino induzindo à despertar o empenho dos estudantes para um novo contemplar uma nova visão voltada para a Geografia. Corroborando a essa assertiva, França (2009, p.3) afirma que se deve “utilizar os recursos didáticos a fim de facilitar a aprendizagem é de suma importância em qualquer disciplina, porém a utilização destes recursos nas aulas de Geografia é mais importante ainda”. Portanto, o papel do professor não é apenas utilizar o recurso didático apropriado para suas aulas, mas sim fazer com os alunos consigam realizar a leitura de mundo subsidiada também pelos recursos didáticos.

Quanto à utilização dos recursos as professoras P1 e P2 apresentam visões diferenciadas: a professora P1 conhece alguns recursos são para auxiliar tais como data show, Tv, computador, no ensino de geografia, enquanto que o professor P2 apresenta principalmente, recursos tradicionais como o livro didático e o quadro de giz.

Ao perguntarmos sobre como é feita a escolha dos recursos a serem trabalhados em sala de aula, as Professoras P1 e P2 afirmaram que tomam como referência a construção de “planos de aula”, 1/3 dos conteúdos abordados, e fazem a escolha independente do plano, 2/3, demonstrando deste modo, a maior parte dos conteúdos abordados tem a escolha do recurso a ser adotado independente do planejamento, o que pode denotar fragilidades no processo de ensino, quiçá, nos resultados da aprendizagem dos educandos e professores.

Diante das discussões elencadas acerca das concepções e práticas de professores de geografia, procuramos saber acerca da utilização de metodologias e recursos e suas implicações nas aulas de geografia e a receptividade por parte dos educandos, quando a professora P1

(2014) afirmou que os educandos participam das aulas “de forma espontânea, fazendo reflexão sobre determinados temas”; enquanto a professora P2 (2014) afirmou que participam “dialogando, dando sugestões”.

Na concepção das professoras o uso de distintas metodologias e recursos contribui para o ensino-aprendizagem, mas cabe ao professor estimular o educando ao aprendizado, à construção de conhecimentos, sensibilizando-os para o gosto pelos estudos e, para isto, utilizam-se as metodologias e recursos. Nesse sentido, Libâneo (1994, p. 108), argumenta:

É preciso que o estudo se converta numa necessidade para o aluno e que seja um estímulo suficiente para canalizar a sua necessidade de atividade. (...) Mesmo que o professor estabeleça ótimos objetivos, selecione conteúdos significativos e empregue uma variedade de métodos e técnicas, se não conseguir suscitar no aluno o desejo de aprender, nada disso funcionará. O aluno se empenha quando sente a necessidade e importância de estudo, quando sente que está progredindo, quando as tarefas escolares lhe dão satisfação.

Portanto, a participação e a interação do educando com o professor, o incentivo e a sensibilização dos educandos pelo professor para a produção do diálogo, contribuem, sobretudo, para o aprendizado cotidiano, constituindo estas, como práticas docentes comuns ao cotidiano escolar, mas que nem sempre se presenciavam, conforme se constata nos estudos e pesquisas sobre a trajetória da geografia escolar no Brasil. Igualmente presenciávamos em alguns momentos da pesquisa quando constatamos nas falas de educandos e professores a utilização de recursos diferenciados, mas de resistência(s) nas práticas docentes a partir da utilização exclusiva de livro didático e quadro de giz em todas as aulas observadas.

#### **4. RESISTÊNCIA(S) E LIMITE(S) NUMA ‘GEOGRAFIA DE PROFESSORES’**

Durante um longo período da história da educação, mais precisamente durante o final do Século XIX e o século XXI, o ensino da geografia foi pautado nos ideais nacionalistas, descaracterizando o saber geográfico, utilizando-se de métodos prontos para o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem dos alunos, o ensino tinha um caráter mnemônico e acrítico. Contudo, essas práticas ainda perduram em muitas escolas na contemporaneidade.

A realidade da educação brasileira suscita o repensar e a criação de novas políticas educacionais, especialmente preocupadas com a formação inicial e continuada de professores, assim como a valorização profissional, através de planos de cargo, carreira e salários, capazes de condicionar a dignidade aos professores, por conseguinte, melhores condições de trabalho, possibilitando a destinação de tempos adequados para se pensar a escola e a educação.

Outros sim, a reestruturação curricular valorizando em condições de igualdade, as disciplinas e as questões transdisciplinares, especialmente se ponderarmos o ensino de geografia. No âmbito escolar, a importância do debate acerca do Projeto Político Pedagógico (PPP) como instrumento indispensável ao desenvolvimento do planejamento escolar, da educação e dos sujeitos da escola, partindo do reconhecimento das diferenças, o que requer maior esforço da escola em percebê-la em sua integralidade, portanto, para além da questão disciplinar, ou mesmo, do ensino de geografia.

##### **4.1. Do Planejamento Escolar às Metodologias no Ensino de Geografia na E.E.E.F.M. Professor Crispim Coelho**

O planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos de organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática no contexto social (LIBÂNEO, 1990, p.221-222).

Ensinar Geografia nos dias de hoje, constitui-se um desafio para o professor, por que exige cada vez mais do Estado uma formação inicial e continuada docente para alcançar os objetivos impostos para um ensino de qualidade, uma vez que os alunos dispõem de um aparato

tecnológico capaz de atingir maiores distâncias em menos tempo, por vezes difíceis de ser acompanhada pela estrutura ofertada pela escola.

Cabe também ao professor e a escola como um todo, a busca por métodos inovadores para lecionar e tornar suas aulas mais atrativas a partir da adequação de práticas pedagógicas capazes de suprir as necessidades dos educandos, conforme consta nos PCN (BRASIL: 2000, p.48) que afirmam: “(...) considera-se que um ensino eficaz, cujos objetivos de aprendizagem sejam alcançados, depende, inclusive, de práticas pedagógicas adequadas. Nesse contexto, é relevante pensar em práticas que propiciem a realização”.

A adequação discutida pelos PCN embasa-se na proposição de métodos de ensino, os quais, segundo Libâneo (1997, p.149), são determinados pela relação objetivo-conteúdo, e referem-se aos meios para alcançar objetivos gerais e específicos do ensino, “englobando as ações a serem realizadas pelo professor e pelos alunos para atingir os objetivos e conteúdos” (*ibidem*), ou seja, a forma como o professor vai conduzir o conteúdo tem uma relação direta com o objetivo que o professor quer alcançar com seus alunos. Segundo Silva (2003. p.14),

o professor deve refletir sobre quais meios utilizar para transformar a aulas de Geografia em instrumentos de aprendizagem significativa, tanto para os alunos quanto para a satisfação dos docentes, ou seja, a de aula de Geografia (...) deve percorrer diferentes temas, encadeando-os, contextualizando-os com o aqui e o agora do corpo e do entorno do aluno, com as relações socioculturais do espaço (...), investigando suas múltiplas interdependências.

Portanto, o papel do professor é também conciliar a construção do conhecimento com a realidade dos discentes, onde eles possam compreender suas realidades a partir dos conteúdos geográficos, pois é a partir da escola que o aluno cria condições para analisar criticamente a produção e a organização do espaço.

Cabe ao corpo docente e a coordenação pedagógica da escola traçar metas para atuar no processo ensino-aprendizagem, no qual seja relacionado através das condições sociais dos alunos. O planejamento das aulas é importante por permitir que o professor possa organizar e programar suas tarefas antecedência para acompanhar o processo de aprendizagem dos alunos, pois conforme Libâneo (1990, p. 223), “(...) o plano é um guia de orientação, pois nele são estabelecidas as diretrizes e os meios de realização do trabalho docente”.



Na E.E.E.F.M. Professor Crispim Coelho a orientação pedagógica se dá através de reuniões bimestrais realizadas inicialmente, com a equipe técnica de coordenadores, e, posteriormente, com o corpo docente para planejar e definir como serão desenvolvidas as atividades durante o período. A primeira reunião ocorrida entre os coordenadores se dá para a definição de conteúdos para serem ministrados por disciplina, portanto a perspectiva disciplinar.

Segundo observações em diálogos travados entre professores e coordenadores da Escola, a reunião geral com a coordenação pedagógica define as atividades e eventos do ano, tais como, olimpíadas internas de Educação Física, os projetos que a escola vai desenvolver e participar, dentre outros. Além desses também se define por meio do planejamento os períodos avaliativos e outras formas de acompanhamento das atividades. Nos planejamentos ocorrem os informes, as realizações, críticas e discussão dos eventos da Escola.

De acordo com P1 em conversa com a coordenação pedagógica, o planejamento inicial é feito sem que o docente conheça seus alunos, o que promove a abertura de lacunas em branco no plano de curso para se adequar as novas atividades que surgirem no decorrer do ano letivo, mostrando desse modo a abertura a inovação, a perspectiva de dinamicidade vivenciada pela escola.

Quando perguntamos aos Professores P1 e P2 sobre o PPP da Escola, aqueles nos afirmaram que o referido documento está atualizado, mas que não costumam se utilizar do mesmo, pois a definição de conteúdos advém da decisão dos coordenadores. Perguntamos também sobre sua participação na construção do PPP, sendo a resposta negativa, uma vez que o PPP foi construído por outras pessoas da escola. Portanto, a postura e as respostas dos Professores nos incitam o repensar de uma escola na perspectiva integral, transdisciplinar, o que parece não ocorrer na referida Escola.

Segundo Cavalcanti (2012, p. 116), a reflexão sobre as características de um planejamento contribuem para que o professor se relacione e compreenda cada aluno, o qual “entra em sua classe como sujeito único e como segmento social, como pessoas de culturas, de elementos culturais ‘mesclados’, por vezes contraditórios (...)” (*ibidem*). Corroborando, Libâneo (1990, p.227) afirma sobre a importância da escola, da educação e de seus processos de ensino, como o planejamento:

Ao planejarem o processo de ensino, a escola e os professores devem, pois, ter clareza de como o trabalho docente pode prestar um efetivo serviço à população e saber que conteúdos respondem as exigências profissionais, políticas e culturais postas por uma sociedade que ainda não alcançou a democracia plena.

O papel do professor é realizar seu trabalho focado na realidade social do aluno, identificando as condições dele através da localização da escola, qual o bairro está localizada a escola, analisando se é na periferia ou centro, só assim que o professor vai saber realmente qual é o público que frequenta a instituição de ensino. Nessa perspectiva, percebemos que o Professor P1 utiliza-se de data show em todas as suas aulas, mas muito mais com a função de leitura de textos em slides, semelhante ao uso do livro didático, mas com uma diferença em relação a Professora P2: P1 argumenta, debate, questiona e os educandos participam; diferente ao que ocorre com P2, a qual limita-se, por vezes, a leitura de textos em livros didáticos sem perceber-se o entusiasmo dos alunos.

A postura do Professor P1, embora pautada na leitura de textos, mesmo utilizando-se de um recurso diferenciado, o data show, mas preocupa-se em questionar constantemente os educandos, instigando-os ao debate, constituindo-se como um método ativo encontrado pelo professor em chamar a atenção do aluno. Esta situação para Oliveira (2012, p. 217), é positiva, pois “(...) ensinar é provocar situações, desencadear processos e utilizar mecanismos intelectuais requeridos pela aprendizagem, que permitirá aos professores empregarem métodos ativos (...)”, evitando tentativas infrutíferas demasiadamente perigosas, sobretudo, quando as ações são exercidas sobre crianças e adolescentes.

No planejamento da Escola também está prevista a organização dos conteúdos a serem desenvolvidos no decorrer do ano letivo, associados às metodologias de ensino apropriadas às realidades dos alunos e as possibilidades da escola.

Desse modo, a linguagem utilizada nas aulas de geografia é algo definidor para aprendizagem dos alunos nos dias atuais, ou seja, os professores têm que estar sempre atualizando sobre seus métodos de ensino; a seleção dos recursos didáticos e das metodologias a serem utilizadas, sobretudo, considerando o nível de aprendizagem dos alunos.

Conforme Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 215), “as linguagens constituem recursos didáticos que necessitam ser utilizados no mundo atual, seja na instituição escolar, seja

em outros caminhos ou lugares, porque por meio delas, os horizontes do conhecimento se abrem para os jovens (...). Então, os recursos didáticos devem estar em consonância com os conteúdos didáticos, que sirvam como mediadores no processo do ensino-aprendizagem, capazes de construção do conhecimento.

A metodologia de ensino e a organização do procedimento de ensino têm como objetivo alcançar mentas no decorrer do processo que vai garantir o desenvolvimento da capacidade mental de cada um, através do planejamento de suas aulas. Para reforçar o exposto acima, os PCN (BRASIL, 2000, p.11) afirmam que a sociedade contemporânea vivencia uma revolução tecnológica e seus desdobramentos na produção e na área da informação, apresentam características possíveis de “assegurar à educação uma autonomia ainda não alcançada. Isto ocorre na medida em que o desenvolvimento das competências cognitivas e culturais exigidas para o pleno desenvolvimento humano passa a coincidir com o que se espera na esfera da produção” (*ibidem*).

Hoje estamos vivenciando um mundo de muitas inovações tecnológicas, isso facilita cada vez mais a vida do professor em sala aula, com a utilização adequada de recursos inovadores vai garantir uma aula eficiente e de boa qualidade. Tornar o ambiente de ensino qualificado e inovador a partir muitas maneiras, basta o professor ter criatividade para isso acontecer, os métodos tradicionais não são mais bem visto para o ensino, mesmo muitos professores ainda os utilizar-se do método arcaico para desenvolvê-lo de suas aulas.

Reforça Cavalcanti (2003, p.154) quando diz que “o bom ensino é aquele que adianta o processo de desenvolvimento, se orientado não apenas para as funções intelectuais já maduras, mas principalmente para as funções em amadurecimento”. Nele, o professor tem o papel de criar situações de aprendizagem juntamente com seus alunos explorando tanto sua área intelectual como social, para tanto, utilizando-se da perspectiva de aprendizagem mútua entre o professor e o aluno, na qual ambos agem aprendendo e ensinando um ao outro, na perspectiva de trocas de saberes, sem que haja saberes maiores nem menores, mas apenas saberes diferentes (FREIRE, 1996).

De acordo com Spósito (2012, p.308), o processo de ensino/aprendizagem realiza-se apoiado nas relações que se estabelece entre professores, alunos e condições oferecidas ao processo pedagógico, constituindo um tripé fortalecido em todas as suas bases, sob pena do comprometimento dos seus constituintes, em caso de fragilidade em quaisquer dos lados.

Compreender a escola como lugar de interação e aprendizagem implica que o processo de ensino-aprendizagem seja pautado numa relação de respeito entre professor e aluno, além das condições infraestruturais a serem ofertadas ao aluno pela escola para que ele se sinta confortável no seu ambiente de aprendizagem. Portanto, segundo Ramos (2012, p. 10), “através dos recursos didáticos diferenciados e com a elaboração de metodologia adequada para a prática de ensino é possível contribuir no desenvolvimento cognitivo e na formação social do aluno”. Nesse sentido, são importantes as novas tecnologias e a intencionalidade do professor na abordagem dos conteúdos de geografia, tornando-os significativos para o aluno, conforme consta nos PCN (2006, p. 44):

A Geografia não é uma disciplina descritiva e empírica, em que os dados sobre a natureza, a economia e a população são apresentados a partir de uma sequência linear, como se fossem produtos de uma ordem natural. Com as novas tecnologias de informação, com os avanços nas pesquisas científicas e com as transformações no território, o ensino de Geografia torna-se fundamental para a percepção do mundo atual. Os professores devem, portanto, refletir e repensar sua prática e vivências em sala de aula, com a mudança e a incorporação de novos temas no cotidiano escolar.

Na pesquisa realizada, constatamos nas entrevistas uma variedade de recursos disponíveis para o ensino, a exemplo da televisão, do vídeo, computador, data show, livro didático, mapas e quadro de giz. Contudo, a observação da prática docente nas duas salas de aula demonstrou a permanência de metodologias tradicionais de ensino, como a aula expositiva (P2), e expositiva dialogada (P1), com uso de recursos como o livro didático (P2) e data show (P1), embora ambos restritos a leitura de textos, tornando similar o uso do data show ao livro didático, o que pode em alguns momentos, expressar tradições de práticas e alienação dos alunos.

## 4.2. O Livro Didático como Expressão de Tradições e de Alienação

O livro didático passa a ser utilizado oficialmente no Brasil, por meio de Decreto Lei Nº 1.006/38. Nesta época, o livro didático tinha como função servir ideologicamente as funções políticas. Os professores eram instruídos a escolher apenas os livros que o estado indicava, ou seja, eles eram subordinados às funções estatais, não tinham livre arbítrio para escolher o livro que eles denominavam de melhor qualidade para aprendizagem dos seus alunos. Kanashiro (2008, p.04) enfatiza o papel do livro didático no ensino-aprendizagem:

Entender a natureza do livro didático se justifica por causa do papel que ele desempenha na cultura escolar. Apesar de todas as críticas e polêmicas, o livro didático tem sido ainda e é considerado um instrumento fundamental na escolarização e no cotidiano educacional brasileiro. É parte integrante deste, em maior ou menor grau, como constam pesquisas e estudos acadêmicos.

O livro didático é o recurso didático mais utilizado para o ensino de geografia nas escolas públicas de ensino, destacando-se na Escola investigada como o segundo recurso mais utilizado. O livro didático utilizado nas escolas é produzido em grande escala para atender diversas regiões do Brasil. A escola adota os livros didáticos por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) que subsidia o trabalho pedagógico dos professores por meio da distribuição de coleções de livros didáticos aos alunos da Educação Básica. O Ministério da Educação (MEC) avalia uma série de livros didáticos produzidos e publica uma lista no Guia de Livros Didáticos a ser encaminhado às escolas para escolha dos livros a serem adotados, conforme suas aproximações com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola.

Conforme diretrizes do PNLD, na EEEFM a escolha do livro didático é realizado por toda a equipe técnica e docente, embora, nem sempre a escolha do livro pela escola é respeitada, pois embora a escola faça suas opções, mas entre a opção e a recepção de livros, as vezes há desencontros. Outro fato diz respeito à desconexão da realidade do livro didático produzido e escolhido com a realidade da escola que o adota, afirma o Professor P1.

O período de mudanças e transformações que está acontecendo na sociedade atual pode ser considerado como um fator fundamental que influenciou nas mudanças e nas transformações que vem acontecendo no ensino de geografia e nas novas metodologias para o ensino de geografia.

O uso do livro didático é indispensável na sala de aula para a promoção do conhecimento e o incentivo à leitura, além de outras funções. Entretanto, como todos os outros recursos, não devem ser únicos no ensino-aprendizagem, pois além de repetir a tradição de práticas docentes desinteressantes para os alunos, pode contribuir para o desestímulo e o cansaço dos alunos durante as aulas. Sobre o livro, Calado (2012, p.16) afirma:

[“...] é, sem dúvida, instrumento indispensável para o ensino, não como mero objetivo de levar informações ao aluno, mas por ser uma ferramenta no processo de construção do conhecimento”. Pode-se utilizar o livro didático não somente para a leitura, mas também para resumos, interpretação de textos, observação de imagens, fazer exercícios de fixação, etc. Isto significa que não podemos descartar o livro didático, pois, é também um recurso de grande valia, capaz de construir o conhecimento dos alunos.

A constatação do uso do livro didático até mesmo de data show, similarmente ao uso do livro, ou seja, restringindo-se o recurso à leitura de textos, tem-se mostrado como uma expressão da tradição de práticas docentes na educação, por vezes, capazes de produzir alienação dos alunos.

O uso generalizado do livro didático, do quadro-negro e do giz, tem se constituído como alternativas encontradas pelo professor para transmitir os conteúdos para os alunos, através de aulas expositivas, na quais os alunos não foram/são incitados a colocar o seu ponto de vista em relação ao conteúdo, como aconteceu em alguns momentos da prática docente de P2.

A aula expositiva é uma estratégia metodológica adotada comumente entre professores, apresentando característica de autoritarismo, momento expresso pela relação professor versus aluno, na qual o professor é o transmissor de conteúdos e o aluno, o receptor, impedindo o estabelecimento do diálogo entre ambos, ou seja, uma troca de saberes permitindo que o processo de ensino/aprendizado ocorra segundo o consenso entre as partes envolvidas, sem que haja a superioridade de saberes. Nesse aspecto, o aluno é um mero espectador na sala de aula, ou seja, um receptor de conhecimentos prontos e inabaláveis, passivo de qualquer reação incoerente as ideias do educador. Contrária a esta perspectiva, a Geografia Crítica e a educação emancipadora propõem o educando questionador, capaz de refletir, transformar, reconhecer-se como responsável pela construção do espaço em que se insere, conforme afirma Vesentini (2004, p. 220):

Geografia Crítica surge para atender essa necessidade, causando o desconsenso entre os geógrafos quanto aos conteúdos, o papel, os objetivos e estratégias de ensino desta ciência; fazendo a Geografia escolar a viver momentos ricos e complexos com intensas pluralidades de caminhos, coincidindo com as profundas redefinições no sistema de ensino escolar. Ou seja, o ensino desta ciência vive um dilema quanto ao método de abordagem: entre o tradicionalismo enciclopédico e a Geografia crítica, que leva os alunos a pensar, refletir sobre diferentes aspectos, partindo da realidade do educando e dos problemas de sua época e lugar.

A geografia crítica surgiu para melhorar o ensino de geografia, ela veio trazendo muitas inovações para o ensino, incentivando os professores a utilização de métodos que vão auxiliar o aluno na compreensão melhor a sua realidade e o desenvolvimento do mundo.

O procedimento metodológico e os recursos empregados pelos professores no ambiente de ensino influenciam diretamente na aprendizagem dos alunos, conforme constatamos nas entrevistas acerca das metodologias e recursos utilizados, assim como dos conteúdos e o gosto pela disciplina de geografia. Dentre os questionamentos realizados com os educandos, estes afirmaram que a multiplicidade de recursos e metodologias variadas contribui para o interesse pela geografia, ou seja, o compromisso ético e a inovação metodológica do professor tem resultados positivos no despertar dos alunos pela disciplina. Assim, de acordo com Cavalcanti (1998, p. 154),

o bom ensino é aquele que adianta o processo de desenvolvimento, orientando-se não apenas para as funções intelectuais já maduras, mas principalmente para as funções em amadurecimento. É nele que o professor deve criar situações de aprendizagem com os alunos nas quais se possa explorar a área intelectual e social de cada ser.

A geografia é uma disciplina que contém uma ampla gama de temas transversais que permite que o aluno desempenhe suas competências e habilidades, então cabe ao professor um ensino de boa qualidade com métodos específicos para formação de indivíduos. Mesmo diante de muitas transformações no contexto educacional muitos professores ainda utilizam métodos tradicionais nas suas aulas entre eles está o livro didático, o grande problema aqui elencado não é o uso do livro didático e sim a forma e como ele é trabalhado em sala de aula, muito

professores apenas reproduzem o que o livro coloca, e não oferece oportunidade dos alunos expressar sua opinião, ou seja, eles serão incapazes de refletir.

Durante o levantamento de dados realizados na instituição investigada foi perguntado aos professores de geografia como avaliam o livro didático trabalhado em sala de aula. As respostas obtidas demonstraram que “O livro didático que é utilizado na escola é pobre em conteúdo, não é adequado para nossa realidade” (P1: 2014) e, “o livro é importante, para leitura de mapas, imagens e gráficos” (P2: 2014). O Professor P1 afirma que o livro é insuficiente para trabalhar com os alunos em função de não estar contextualizado com a realidade dos alunos. Já o Professor P2 destoa na resposta à pergunta, referindo-se a utilidade e não à adequação do livro.

Quando perguntados sobre a relação entre o conteúdo ensinado em sala de aula e a realidade dos alunos, o Professor P1 (2014) afirmou ser desconectado e que sempre que utiliza necessita “adaptar os conteúdos com a realidade dos alunos esse é um fator fundamental”; enquanto P2 (2014) responde novamente parecendo não compreender a pergunta: “A comparação dos conteúdos com nossa realidade, impactos ambientais, violência, discriminação”.

A postura adotada pelo Professor P1 ao considerar a necessidade de contextualizar-se a realidade dos alunos, encontra-se pautada nos PCN (2006, p. 51): “A aprendizagem será significativa quando a referência do conteúdo estiver presente no cotidiano da sala de aula e quando se considerar o conhecimento que o aluno traz consigo, a partir da sua vivência”. O conhecimento que o aluno consegue trazer para a sala de aula é muito importante para a aprendizagem, então cabe ao professor tentar conciliar as aulas com o cotidiano dos alunos, aproveitando informações contidas nos livros e relacionando-as com o conhecimento prévio daqueles.

Ao analisar o ponto de vista dos professores com relação ao livro didático podemos verificar que os professores têm diferentes concepções sobre o livro didático. Então podemos evidenciar que o professor não deve se prender exclusivamente ao livro didático para lecionar suas aulas, ele tem que buscar outras fontes para auxiliar no processo de ensino.

Na realidade observada constatamos que há desconexão dos conteúdos do livro didático em relação às realidades dos educandos, o que consiste na negação de direitos, assim como da diversidade dos sujeitos da escola. O distanciamento dessas duas realidades torna o aluno



estranho a sua história, ao seu modo de vida, portanto, é alienado em sua própria formação destituindo-o do direito a uma educação emancipadora por competência cidadã. Um dos fatores observados que também pode influenciar diretamente na alienação do aluno consiste na manutenção de práticas docentes consideradas tradicionais na história da educação brasileira, inclusive no ensino de geografia, qual seja, uma educação pautada na transmissão de conhecimentos, como visto em relação a Professora P2, e, por outro lado, na resistência a mudança pela continuidade na tradição de utilização do livro didático sem que se apresente inovações como recurso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, a educação e o ensino de geografia perpassam profundas transformações no tocante a necessidade de adequar os conteúdos às histórias de vida dos sujeitos da escola. Para tanto, a construção de Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) que contemplem essas realidades privilegiam o reconhecimento e a valorização das diferenças, conforme preconiza a educação libertadora proposta por Paulo Freire.

Adequar a estrutura curricular as intencionalidades de cada disciplina, valorizando-as e possibilitando seu desenvolvimento pleno através da execução dos planos de aula constitui-se como imperativo na educação do novo Século. Além disso, privilegiar a multiplicidade de métodos e recursos variados em sala de aula pode reorientar o processo educacional e promover o aluno a partir de uma educação contextualizada, significativa.

É importante descrevermos que as transformações acontecem numa escala temporal e a geografia é uma disciplina importante que nos ajuda a entendermos as mudanças que ocorrem no espaço. Sendo assim é preciso que se pense em novas metodologias de ensino. Às vezes imaginamos que só a escola deve mudar ou que os alunos devem ser mais comprometidos com o estudo, mas esquecemos de avaliar como está a prática pedagógica do educador. Por isso o objetivo do professor consiste sempre em buscar de novas metodologias e técnica de ensino. Não se pode apenas copiar o modelo de ensino ultrapassado ou então continuar reproduzir metodologias que se tem do material didático, como por exemplo, o livro didático.

Ao investigar as práticas e concepções docentes no ensino de geografia na EEEFM Professor Crispim Coelho, constatamos no período de pesquisa, permanências na tradição do uso do livro didático como possibilidade de leitura de textos sem interatividade com outras metodologias; além de resistências às inovações metodológicas; a realização do planejamento individual disciplinar, desconectado da pesquisa constante ao PPP da escola, senão por meio da equipe técnica de coordenação pedagógica.

Entretanto, essas limitações não impediram que em determinados momentos da aula fossem contextualizadas as suas realidades com os conteúdos abordados, assim como demonstraram conhecimento acerca de distintos recursos didáticos, especialmente os disponíveis na escola; têm consciência de que estes contribuem para uma aprendizagem

expressiva, mas, embora considerem importantes e inovadores, ainda continuam a utilizar o quadro de giz e o livro didático, com uma metodologia pautada em aulas expositivas, principalmente.

A experiência de pesquisa também contribuiu em nossa formação, pois percebemos a importância do professor no processo ensino-aprendizagem e que para o seu sucesso, é indispensável à ampliação nos usos de distintas metodologias para a abordagem de conteúdos de geografia. Dependendo da metodologia de ensino que ele utiliza poderá proporcionar aulas criativas e dinâmicas que despertem nos alunos momentos de prazer ao estudar determinados conteúdos e não de repulsão. Daí a necessidade de repensar-se a prática docente, pois estará contribuindo na formação dos cidadãos mais conscientes e críticos.

Com esse estudo, não temos a pretensão de concluir, mas colaborar para a continuidade de outras pesquisas sobre a temática abordada, ainda que ingenuamente, para a discussão sobre as concepções e práticas dos professores de geografia no 3º Ano do Ensino Médio, considerando a importância do tema para a formação docente, na busca de novos rumos para a educação.

## REFERÊNCIAS:

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. Século de prática de ensino de Geografia: permanências e mudanças. In. REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos e KAERCHRR, André Nestor (Org). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Penso, 2011. 33 – 55 pp.

BANHARA, Geraldo Donizete. **A Utilização das Novas Tecnologias no Ensino de Geografia**. <[www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2125-8.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2125-8.pdf), acesso em 10 de jan. de 2013.

BATISTA, Ranielli Gonçalo; NASCIMENTO, Robéria do; VILAR, Maria Juliana. **A Importância dos Usos dos Novos Recursos Didáticos nas Aulas de Geografia**. S/ano de publicação - Disponibilizado - <http://www.editorarealize.com.br/revistas/eniduepb/trabalhos> acesso em 10 de fevereiro de 2015.

BRASIL. **LDB**, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Ministério da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em março de 2015.

BRAUN, Ani Maria Swarowsky- **Rompendo os Muros da Sala de Aula:O Trabalho de Campo Como Linguagem no Ensino da Geografia**/Ani Maria Swarowsky Braun – Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul- Instituto de Geociências -programa de Pós Graduação em Geografia de Porto Alegre ,Junho de 2005.11.p

\_\_\_\_\_. **PCN**. Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio, Ano, 2006.52-56-44.

\_\_\_\_\_. **PCN**. Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio, Ano, 2000.05-12-13-15-48.

BUENO, Tiago da Silva; CALLAI, Helena Copetti - **A Geografia da Vida Cotidiana**. Décimo Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia/,de 30 de agosto a 02 de setembro de 2009. Disponível,<http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT4/tc4%20%288%29.pdf>. Acesso em 03 de dezembro de 2014.

CALADO, Flavia na Moreira- **Geosaberes**, Fortaleza, v. 3, n. 5, p.12-20, jan. / jun. 2012.16.p

CAVALCANTI, Lana de Souza, **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas, SP: Papirus,1998. (coleção Magistério; Formação e Trabalho Pedagógico).

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O Ensino de Geografia na Escola**, Lana de Souza Cavalcanti. -Campinas, SP: Papirus, 2012. (coleção Magistério;Formação e Trabalho pedagógico).

COSTA, Alcione Pereira de. **Ensinar geografia: A luta contra o tradicionalismo através das metodologias e dos recursos de ensino / Alcione Pereira da Costa**. –Guarabira: UEPB, 2011.53 f. Il. Collor. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso -TCC)–Universidade Estadual da Paraíba.14.p

DONATO, Larissa. **O uso de tecnologias no ensino de geografia; recursos audiovisuais**, 2010. DISPONIVEL [www.agb.org.br/evento/download.php?id-](http://www.agb.org.br/evento/download.php?id-) acesso em 01 de janeiro de 2014.

FRANÇA, Bruno Azevedo de, **A utilização dos Recursos Didáticos nas aulas de Geografia em Escolas da Zona Oeste do Rio de Janeiro Décimo Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia**, de 30 de agosto a 02 de setembro de 2009. Disponível <http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT4/tc4%20%288%29>. Pdf. Acesso em 13 de dezembro de 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa/ Paulo Freire**, São Paulo: Paz e Terra, 1996 (coleção leitura).

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutivo: um (re) exame das relações entre educação e estrutura econômica social capitalista**. São Paulo: Cortez, 1984.

GUSMÃO, Adriana David Ferreira; SAMPAIO, Andrecka Viana de Oliveira; SAMPAIO, Vilomar Sandes. **O ensino da Geografia e a Produção/Utilização de Recursos Didáticos**. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Ensenanzadelageografia/Investigacionydesarrolloeducativo/20.pdf> acesso em 14 de novembro de 2014.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de Didática Geral**. 5ªed. São Paulo: Ática. 1998.133.p

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**, São Paulo: Contexto, 2010.

KANASHIRO, Cintia Shukusawa. Livro **Didático de Geografia,-PNLD,materialidade e uso na sala de aula**. São Paulo ,2008. Dissertação( Mestrado). Universidade de São Paulo. 04.p

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica** 1 Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Editora Cortez, 1994. p 108-144.

MARQUES, Franciele Fátima, **O Livro Didático Na Educação Escolar: Da Alienação a Humanização** disponível [01.livrosgratis.com.br/cp145286.pdf](http://01.livrosgratis.com.br/cp145286.pdf). Acesso em 22 de 2014.

OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino de. **Para onde Vai o Ensino de Geografia-9. ed.-São Paulo: Contexto, 2005.**

PASSINI, Elza Yasuko. PASSINE, Romão, Malysz, Sandra T. (org.). **Práticas de ensino de geografia e estágio supervisionado**. 2ª Ed. 1ª reimpressão São Paulo: Contexto, 2011.

PEREIRA, Bernadete Terezinha, **O uso das tecnologias da informação e comunicação na prática pedagógica da escola**, ano, 2009.

PETITAT, André. **Produção da escola/ produção da sociedade: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente**. Porto alegre: Artes Médicas,

1994. DISPONIVEL -<http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Petit/52130864.html> acesso em 15 de abril de 2014

PONTUSCHKA, Nidia Nacib;**Para ensinar e aprender Geografia**/Nídia Nacib Pontuschka, Tomoko Iyda Paganelli, Núria Hanglei Cacete -3º Ed.São Paulo:Cortez ,2009.-( coleção docência em formação .Série Ensino Fundamental).

RAMOS, Marta Gonçalves da Silva. **A Importância dos Recursos Didáticos para o Ensino da Geografia no Ensino Fundamental nas Séries Finais**. Santa Maria-DF, 45 pp.2012 Monografia (Licenciatura) – Universidade de Brasília, Departamento de Geografia. p 10.

REZENDE, Danyla Martins; PIRES, Lucineide Mendes. **A visão dos Alunos do Ensino Médio Sobre o Ensino de Geografia: UM ESTUDO DE CASO DO INSTITUTO FEDERAL GOIANO – CAMPUS MORRINHOS**. Danyla Martins Rezende/ UEG - UnU Morrinhos danylamrezende@gmail.comLucineide Mendes Pires/ UEG - UnU Morrinhos lucineide@ueg.b,2009.

SILVA, Maria das Dores Florêncio de Araujo. **A Geografia Escolar e as Dificuldades em Romper com o Tradicionalismo na Prática Pedagógica** Maria das Dores Florêncio de Araujo Silva Mestranda do Programa de Pós Graduação em Geografia /PPGG–UFPB disponível <http://www.geociencias.ufpb.br/posgrad/sernne/artigo47.pdf> acesso em 20 de 01 de 2015.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy-**Uma Reforma curricular em Contexto de muitas Mudanças, governo do estado da Paraíba, Secretaria de Educação e Cultura. Gerencia Executiva da Educação Infantil e Ensino Fundamental**. -João Pessoa:SEC/Graf set,2010, p. 36.

URT, Pereira; Sonia da Cunha ,CLARICE, Simão ,**Educação Escolar e Aprendizagem na sociedade Capitalista.Educativa** ,Goiânia,v.15 n.2.p.173-190 julho de dez.2012. p 278.

VEIGA, Ilma Passos de Alencastro. **Repensando a didática**. 10ª Ed.-Campinas São Paulo, 1995. DISPONIVEL EM - <https://books.google.com.br/books?id> acesso em: 14 de setembro de 2014.

VESENTINI, José Willian. **O Ensino de Geografia no século XXI**.Org. Campinas, SP: Papiros, 2004. - (Coleção Papiros Educação). p. 220.

VESSETINI, Jose William, **Para Uma Geografia Crítica na Escola**, Editora do Autor São Paulo, 2008.24.

VIEIRA, Re-Jane. **Metodologias de Ensino Utilizadas nas Aulas de Geografia**. 2010-Disponível em- [ufpel.edu.br/fae/dialogoscompaulofreire /METODOLOGIAS DE ENSINO UTILIZADAS NAS AULAS DE GEOGRAFIA.pdf](http://ufpel.edu.br/fae/dialogoscompaulofreire/METODOLOGIAS_DE_ENSINO_UTILIZADAS_NAS_AULAS_DE_GEOGRAFIA.pdf),acesso em 23 de junho de 2014.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A

### Roteiro de entrevistas realizadas com os Professores de Geografia

Este questionário aplicado a um determinado público tem como objetivo obter informações sobre as diferentes metodologias utilizadas pelos professores de geografia nesta escola. As respostas serão de grande serventia para a pesquisa a cerca dos métodos e as metodologias de ensino. Desta forma solicito-lhe suas respostas, pois estas servirão como base para verificar e analisar o objetivo da pesquisa.

#### CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA

**Escola:** \_\_\_\_\_

**Endereço da escola:**

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**Formação:** ( ) Geografia ( ) outro. Qual? \_\_\_\_\_

**Sexo:** M ( ) F( ) **Idade:** \_\_\_\_\_

**Tempo que exerce o magistério:** \_\_\_\_\_

**Trabalha em quantas escolas?** \_\_\_\_\_

#### QUESTÕES:

Quais as formas com as quais você trabalha o conteúdo de geografia em sala de aula?



---

---

Quais metodologias você conhece para ensinar?\_\_\_\_\_

---

Quais metodologias você utiliza em sala de aula?

---

---

Como as metodologias e o uso dos recursos tecnológicos auxiliam no processo ensino-aprendizagem dos alunos?

---

---

---

Como é feita a escolha dos recursos a serem trabalhados em sala de aula?

Pelo planejamento       Escolha individual

Plano de aula       Pela escola       Outros

De que maneira você faz a associação do conteúdo trabalhado na aula com os recursos tecnológicos?

---

---

---

A utilização de recursos variados modifica os resultados alcançados em suas aulas?\_\_\_\_\_

---

---

Como os alunos participam das aulas de geografia?

---

---

Quais os recursos tecnológicos que a escola disponibiliza para o ensino de geografia em sala de aula?

---

---

Como você avalia o livro didático trabalhado em sala de aula?

---

---

**APÊNDICE B****Roteiro de entrevistas realizadas com os educandos de Geografia.**

Esse questionário faz parte de um processo de avaliação do ensino de geografia no Ensino Médio, visando melhorias no ensino aprendizagem dessa disciplina. As questões abaixo irão servir para fins da pesquisa, por esse motivo não há necessidade de se identificar. Em nenhum momento vocês serão julgados como certos ou errados.

Para responder esse questionário, reflita sobre sua vivência até agora, não deixando nenhuma pergunta sem resposta. Em caso de dúvida, podem me perguntar.

Agradecemos a sua contribuição!

**ATENÇÃO: RESPONDA AO QUESTIONÁRIO COM SINCERIDADE NÃO HÁ NECESSIDADE DE SE IDENTIFICAR.**

**Escola:** \_\_\_\_\_

**Endereço da escola:** \_\_\_\_\_

**Ano:** \_\_\_\_\_

**Turno:** \_\_\_\_\_ **Idade:** \_\_\_\_\_ **Sexo:** M ( ) F ( )

01. Você gosta de estudar nesta escola?

02. Quais as disciplinas que você mais gosta?

03. Quais as disciplinas que você menos gosta?

04. Você gosta de estudar geografia?

05. O que estuda a geografia?

06. A geografia tem alguma serventia em sua vida?

07. Qual a relação dos conteúdos de geografia com a sua vida?

08. Você gosta da forma como o seu professor de geografia ensina?

09. Como ele ensina?

10. Ele utiliza algum recurso? Qual (is)?

11. Você acha que é preciso melhorar as aulas de geografia? Como?

12. Cite as metodologias utilizadas pelo professor no ensino de geografia:

Estudo de Campo                       Trabalho em Grupo

Exposição oral                       Seminário

filme e Atividade sobre filme       Atividade individual

questionamento, resumo.

Outros. Quais? \_\_\_\_\_

13. Quais recursos o professor de geografia utiliza?

14. Qual o(s) conteúdo(s) de geografia que você mais gosta. Cite-os:

---

---

---

15. Cite formas de ensino que você gostaria de estudar os conteúdos de Geografia?

---

---

---

16. Quais os recursos tecnológicos que a escola disponibiliza para o ensino de geografia?

- TV, Vídeo;
- CDs e DVD educativo;
- Jornais/Revistas eletrônicos;
- Computador;
- Outros.

**MUITO OBRIGADA! Paula Francinete Pereira Amador**